



NO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

PROSEGUE A 2.ª SESSÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR OS COMISSÁRIOS DA ENERGIA, INDÚSTRIA E HIDRÁULICA E DA EDUCAÇÃO EXPUSERAM AOS DEPUTADOS AS REALIZAÇÕES E PROJECTOS DO NOSSO GOVERNO

Os projectos do nosso Governo, nos sectores da Indústria e Energia e da Educação, foram apresentados ontem à tarde, aos deputados da Assembleia Nacional Popular, actualmente reunida em Bissau, pelos respectivos comissários, camaradas Filinto Martins e Mário Cabral.

Os trabalhos da Assembleia, que têm estado a decorrer com elevado nível, prosseguem esta manhã, a partir das 9 horas, na sala de cinema da Base Aérea de Bissalanca, na capital.

Nos trabalhos realizados no sábado à tarde, diversos deputados continuaram a focar os problemas regionais e nacionais, apresentan-

do algumas sugestões e propostas. Nessa noite os representantes populares assistiram, no estádio desportivo da capital, a uma partida de futebol. No domingo, visitaram as granjas agrícolas de Pessubé e Prábis, a Base Aérea Militar e o local onde está a ser construído o Mausoléu provisório em que ficará depositado o corpo do nosso saudoso dirigente, camarada Amílcar Cabral.

No âmbito dos trabalhos da Assembleia Nacional Popular que têm vindo a decorrer em Bissau desde a passada quinta-feira, pros-

seguiram no último sábado, os debates que têm sido francos e animados.

Usaram da palavra os camaradas deputados Luís Pok e Pier Basen, de Cacheu; Pan N'Bun, Irénio Nascimento Lopes e Caetano Barbosa de Buba; Armando Ramos, pela UNTG; Rahim Bari, do Gabú; Corca Djaló, de Bafatá; e Formoso Djassi, do Oio.

O melhoramento das estradas, a abertura de mais postos sanitários com pessoal especializado, os transportes, o combate ao alcoo-

lismo, o problema das hortas adquiridas por alguns responsáveis, bem como o da nacionalização de firmas comerciais, cujos donos enriqueceram durante o regime colonial e que agora devido à falta dos lucros fabulosos que auferiam ameaçam os empregados nacionais de desemprego e consequentemente o fecho das respectivas firmas, foram os temas mais debatidos na sessão de sábado que teve o seu início às 15 e 50 minutos e o fecho às 20 horas e 10 minutos.

(Continua na página 4)

ARISTIDES PEREIRA É ESPERADO HOJE

Vindo da cidade da Praia, é esperado esta manhã em Bissau o camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde.

CONSELHO DOS COMISSÁRIOS

Reuniram conjuntamente, ontem à tarde, no Palácio da República, em Bissau, o Comité Executivo da Luta do Partido e o Conselho dos Comissários de Estado.

Presidiu a esta reunião, o camarada Luiz Cabral, secretário-geral adjunto do P.A.I.G.C. e Presidente do Conselho de Estado.

A GUINÉ-BISSAU REPUDIA O ATENTADO CONTRA A EMBAIXADA DE CUBA EM LISBOA

O camarada Victor Saúde Maria, Comissário dos Negócios Estrangeiros, enviou um telegrama ao camarada Raul Roa Garcia, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Socialista de Cuba:

«Foi com grande indignação que recebemos a notícia do odioso crime cometido na Embaixada Cubana, em Lisboa, na quinta-feira, dia 22 do corrente, cau-

(Continua na página 2)

PORTUGAL: ELEIÇÕES DE 25 DE ABRIL OS PARTIDOS COMUNISTA E SOCIALISTA DETÊM A MAIORIA DOS LUGARES NA PRÓXIMA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Dois anos após o golpe militar que derrubou o fascismo em Portugal e pela segunda vez em meio século, os portugueses tiveram eleições livres para escolher os 263 deputados que irão compor a próxima Assembleia Legislativa.

Não se registaram modificações sensíveis na distribuição dos votos pelos principais partidos, face aos resultados eleitorais que, há um ano, deram origem à composição da Assembleia Constituinte. Esse facto e a não confirmação do tão receado avanço da direita por via eleitoral, são provavelmente as razões por que grande parte dos 1.200 jornalistas que se deslocaram a Lisboa para cobrir as eleições legislativas descrevem a situação em todo o país classificando-a de «calma» «tranquila», notando-se até «uma certa euforia».

A repartição dos 259 lugares da Assembleia, correspondente à votação em Portugal Continental, Açores e Madeira, é a seguinte:

Parte Socialista — 35% dos votos, 106 lugares; Partido Popular Democrático — 24%, 71 lugares; Partido Comunista Português — 15%, 40 lugares; Centro Democrático Social — 16%, 41 lugares; União Democrática e Popular — 1 lugar.

Uma vez que nenhum dos partidos atingiu uma percentagem de 42% da totalidade dos votos, condição necessária, expressa no pacto MFA-Partidos, para poder formar governo automaticamente, es-

tá aberto o caminho para se iniciarem as planificações e coligações governamentais. A partir dos resultados das eleições legislativas, podem ser obtidas dos cinco «nuances» de maiorias parlamentares que oscilam da direita à esquerda dos cinco partidos mais votados e tornam imprevisível a composição de próximo governo português.

MENSAGEM DE LUIZ CABRAL A COSTA GOMES

Por ocasião do 25 de Abril, «Dia de Portugal», o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, enviou o seguinte telegrama ao general Francisco da Costa Gomes, Presidente da República Portuguesa:

Neste momento em que Portugal comemora na alegria e no ardor patriótico o segundo aniversário da queda do fascismo, coroamento de longos anos de luta e sacrifícios do seu povo amigo e heróico, é com prazer que dirijo a vossa Excelência e, através da sua illustre pessoa, ao Conselho da Revolução e a todos os portugueses, em nome do nosso povo e do Conselho de Estado da República da

Guiné-Bissau, felicitações calorosas e o voto que formulamos pela total realização dos objectivos de progresso que se fixou a vossa Revolução.

Queremos aproveitar esta feliz ocasião para exprimir a nossa con-

(Continua na página 11)

CAMARADA VICTOR SAÚDE MARIA: A CONFERÊNCIA DE DAKAR LANÇOU AS BASES DA COOPERAÇÃO ENTRE PAÍSES AFRICANOS E ÁRABES

O Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, camarada Victor Saúde Maria, classificou de «sucesso histórico», a Conferência de Ministros Africanos e Árabes dos Negócios Estrangeiros, realizada em Dakar, de 19 a 22 do corrente.

Aquele membro do nosso Governo representou a Guiné-Bissau na reunião. A República de Cabo Verde foi representada pelo camarada Amaro da Luz, ministro das Finanças daquele país.

Ao regressar, na segunda-feira de manhã, o camarada Victor

MORREU GRETCHKO HERÓI NACIONAL E MINISTRO DA DEFESA DA URSS

Morreu ontem vítima de uma crise cardíaca, o marechal Andrei Gretchko, membro do Bureau Político do Comité Central do PCUS, ministro da Defesa da URSS e duas vezes herói da União Soviética. O marechal Gretchko contava 73 anos de idade.

Os camaradas Luiz Cabral, Secretário-Geral Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau e Francisco Mendes membro do Secretariado Permanente e Comissário Principal do Conselho de Comissários, enviaram o seguinte telegrama de condolências a os camaradas Leonid Ilitch Brejnev Secretário-Geral do Partido Comunista da URSS, Nicolai Podgorny, Presidente do Presidium Soviético Supremo da URSS e Alexis Kossygin Presidente do Conselho de ministros da URSS:

«É com profunda dor que recebemos hoje a notícia do triste desaparecimento inesperado do camarada e saudoso Andrei Gretchko, membro do Bureau Político do Comité Central do Partido Comunista e ministro da Defesa da URSS. O desaparecimento do marechal Gretchko que é uma grande perda não só para o povo da União Soviética, mas também para o mundo anti-fascista que conhece bem o papel importantíssimo que ele desempenhou na destruição do fascismo hitleriano na Europa. Nesta ocasião aflitiva para todos nós, em que o povo soviético é duramente atingido com o falecimento de um

(Continua na página 12)

Saúde Maria declarou que naquela conferência «foram lançadas as bases da cooperação por todos nós desejada, entre os países africanos e árabes».

«A decisão de formarmos uma frente comum de cooperação em todos os domínios — prosseguiu o camarada Comissário — vai ajudar-nos a solucionar vários problemas, desta crise internacional que afecta todos os países».

(Continua na página 2)

Solidariedade Guiné-Bissau-Cuba

(Continuação de 1.ª pág.)

sando a morte de dois funcionários e vários ferimentos noutros.

Este acto escandaloso é obra dos inimigos da Revolução em Portugal e em África, o que contraria em todos os aspectos o espírito da Convenção de Viena sobre a protecção dos diplomatas e edifícios diplomáticos. Perante esse crime inqualificável contra o povo cubano, que também é um crime contra o nosso povo e o das ex-colónias portuguesas, condenamos energeticamente esse acto e reafirmamos o nosso apoio e solidariedade com o Partido Comunista e o Governo cubano.

Em nome do povo da República da Guiné-Bissau, do Governo e da Direcção Nacional do Partido, agradecemos aceitar e transmitir ao povo cubano, ao Partido Comunista, e às famílias, enlutadas as nossas condolências.



Victor Saúde Maria

A conferência de Dakar lançou as bases da cooperação entre os países Africanos e Árabes

(Continuação de 1.ª pág.)

A cooperação definida na Conferência de Dakar assenta nos

domínios político, diplomático, económico e financeiro, comercial, cultural, científico, técnico

e de informação. Ela ajudará tanto os países membros da OUA como os da Liga Árabe a sair do esádio de subdesenvolvimento em que se encontram.

Para tanto, será necessário pôr em prática as resoluções contidas nos «documentos históricos» aprovados «por unanimidade» na Conferência. Trata-se de uma Declaração e de um Programa de Acção, que vão ser submetidos à aprovação de uma cimeira de Chefes de Estado afro-árabes, a realizar em breve. Compete à O.U.A. e à Liga Árabe efectuar consultas com vista a marcação desse encontro (data e lugar), onde os Chefes de Estado ractificarão os documentos aprovados pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos respectivos países.

Para pôr em prática as decisões neles contidas, será necessário «multiplicar os trabalhos, com vista a reforçar as relações iniciadas entre países africanos e árabes e, sobretudo, a podermos conhecer-nos mutuamente», declarou Victor Saúde Maria.

O Comissário dos Negócios Estrangeiros sublinhou que «estamos cientes que vão ser criadas dificuldades a esta cooperação, cujas bases ficaram estabelecidas em Dakar». «Nós sabemos — afirmou aquele camarada que o inimigo vai tentar barrar o caminho desta cooperação. Para o evitar, devem ser feitos esforços de ambos os lados, não só no seio da O.U.A., mas também no plano bilateral, entre países árabes e países africanos».

À margem da ordem do dia da Conferência, registaram-se as intervenções do ministro da Somália, que expôs a situação actual do Djibuti, e do ministro de Moçambique, camarada Óscar Monteiro, que referiu a decisão do seu país de fechar as fronteiras e cortar todas as relações com a Rodésia.

A exposição do ministro da Presidência de Moçambique suscitou o maior interesse da parte dos participantes na Conferência e levou esta a atribuir àquela jovem República um fundo de seis milhões. Este fundo destinase a ajudar Moçambique a su-

(Continua na página 4)

RESPONDE O POVO

Concorda com o boxe?

Noutros tempos, havia quem pensasse que o desporto se resumia ao futebol, tal o desenvolvimento que esta modalidade desportiva atingiu por todo o mundo. A divulgação de várias outras modalidades tem contribuído para desfazer esta ideia. Entre nós, há, no entanto, géneros desportivos que só recentemente começaram a ser conhecidos. E o que se passa com o boxe. Ultimamente Bissau tem assistido a diversos combates de boxe. Qual a aceitação desta modalidade desportiva (que tem provocado controvérsias em todo o mundo) pelo nosso público? Eis algumas respostas a esta questão:

SECO CAMARÁ
(Militar)

«Nós sabemos que as modalidades desportivas que praticávamos não iam para além das fronteiras. Os nomes de Cassius Clay, Jorge Foreman e outros não passavam para nós de notícias relatadas através do jornal «A BOLA». Portanto, é mais

um passo para o progresso, o que os dirigentes da Juventude e Desportos estão levando a cabo. Assim, é nosso dever não só ouvir, mas assistir e participar no desporto.

«Nestes primeiros tempos da nossa independência, estou certo que os nossos jovens saberão enfrentar todos os obstáculos que lhes apareçam pela frente. É certo que o pugilismo é uma actividade desportiva que influencia a constituição física de um homem. Dá saúde. Mas para tal, é necessário que os desportistas se afastem do alcoolismo e de «paródias», demasiadas. Mas confio bastante neles e creio que dentro de pouco tempo teremos oportunidade de ver entre nós alguns pugilistas estrangeiros. Ou então serão, os nossos que vão enfrentá-los noutros países. Ora, é uma grande responsabilidade representar o País».

VITÓRIO DA S. MONTEIRO
(Trabalhador dos Correios)

«Na minha maneira de ver, considero o pugilismo um desporto de importância para a nossa terra. Um país não deve depender só do futebol, basquetebol ou de outras modalidades que a gente já conhece, mas do maior número possível de modalidades desportivas. O boxe não é só útil para melhorar a constituição física dos jovens, mas também para a miragem da própria nação. A presença de «boxeurs» estrangeiros no nosso país seria

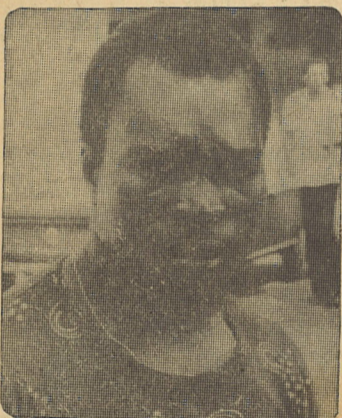
indispensável para dar ânimo aos nossos desportistas e ao público».

JAMILO GOMES
(Comandante de Pelotão)

«O pugilismo é uma modalidade desportiva como qualquer outra. Dantes, a gente só tinha notícias de combates de boxe através de jornais portugueses. Se há algum complexo ou medo, nós devemos perdê-lo, porque o nosso progresso, hoje, exige muito esforço e vontade em cada acto.

Quero dizer aos nossos jovens que não percam a coragem para enfrentar qualquer modalidade, seja desportiva ou cultural. Assim mostraremos ao mundo aquilo que valemos. Aliás, desde o início da luta armada, sempre dissemos que a juventude é a vanguarda do nosso povo e, portanto, esperamos dela mais coragem no trabalho, mais disciplina e vigilância a fim de avançarmos em todos os domínios.

«A disputa de boxe, na noite passada, entre os nossos rapazes, foi bastante agradável e desenrolou-se num ambiente de animação e compreensão. Só que há alguns «boxeurs» que empregam mais força do que técnica. Eu acho que qualquer desporto serve para divertir o público, não para o desmoralizar».



NO PINTCHA

Órgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro telefone 2702.

AMANHA — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2800

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica - 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2822/5

RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas — «OS JUSTICEIROS» — m/10 anos e às 20,45 horas — «O GRANDE DITADOR» — m/10 anos.

AMANHA — As 20,45 horas — «O GRANDE DITADOR» — m/10 anos.

Camarada Miguel Trovoada ao "Nô Pintcha": O povo de S. Tomé tem nas mãos a força jurídica e económica para construir o seu futuro

«O povo de S. Tomé e Príncipe sente uma grande admiração e uma grande amizade pelo povo guineense. Dentro deste espírito de solidariedade militante, os nossos dois partidos e governos irão cooperar cada vez mais, para que as relações que existiram no passado entre nós se tornem mais efectivas e se traduzam em conquistas concretas para o bem estar dos nossos povos».

Com estas palavras, despediu-se do povo da Guiné-Bissau o camarada Miguel Trovoada, membro do Bureau Político e do Secretariado Executivo do MLSTP e primeiro-ministro da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, depois de ter estado alguns dias entre nós, à frente de uma delegação do seu país.

«Nô Pintcha» registara, entretanto, as declarações do camarada Miguel Trovoada, sobre a situação política, económica e social no seu País.

O primeiro-ministro da República Democrática de S. Tomé começou por descrever-nos a situação económica naquela ex-colónia portuguesa, que ascendeu à independência em 12 de Julho do ano passado.

«Do ponto de vista económico — disse o camarada Miguel Trovoada — a situação era catastrófica, pois em cinco séculos de colonização, o nosso País tinha sido totalmente explorado e as populações encontravam-se em condições miseráveis. Herdámos uma economia de tipo colonial, baseada essencialmente na monocultura do cacau. A economia do país dependia do exterior, não só na produção mas também no consumo, pois exportávamos tudo quanto produzíamos e importávamos tudo quanto a população necessitava. Toda a economia se encontrava nas mãos dos colonos portugueses. Noventa por cento das terras pertenciam a empresas agrícolas coloniais; todo o comércio estava nas mãos dos portugueses. O nosso povo só participava nesta economia com os seus braços, para permitir o enriquecimento dos colonos portugueses».

— Quais foram as medidas tomadas pelo governo de S. Tomé após a independência?

«Concluimos que, para dar um conteúdo real à nossa independência era absolutamente indispensável que tomássemos nas mãos a economia do País. Assim, três meses após a independência,

nacionalizámos as grandes empresas agrícolas portuguesas, a fim de darmos ao nosso País e ao nosso povo o instrumento indispensável para a reconstrução do seu futuro,

Com as nacionalizações das empresas agrícolas, começámos imediatamente o programa da reforma agrária, cujos, objectivos fundamentais são a diversificação da agricultura, com o desenvolvimento das culturas de consumo, e uma maior participação das massas na gestão dessas empresas. Hoje, a reforma agrária ainda está no início, mas já obtivemos resultados encorajadores. Uma das grandes dificuldades que encontramos foi um desemprego assustador mas, com as nacionalizações conseguimos absorver imensos desempregados, pelo que o problema se encontra bastante diluído».

O camarada Miguel Trovoada referiu-se, em seguida, ao sector comercial, afirmando:

«Nós não dominamos inteiramente o circuito de distribuição, mas existe um organismo público, o Fundo de Comercialização, que assegura o abastecimento dos géneros de primeira necessidade à população. Pensamos que a pouco e pouco desenvolveremos o sector comercial, para que o abastecimento da população seja garantido de

uma forma regular e permanente.

— Quais são os avanços registados no sector da educação?

«É um sector que leva algum tempo a produzir resultados visíveis. Mas conseguimos já garantir o ensino gratuito a todos os níveis, o que é bastante importante. Também já começámos a introduzir reformas nos programas de ensino, tanto no primário como no secundário. Verificamos que o ensino no nosso País não corresponde de maneira nenhuma à vocação e às necessidades da nossa sociedade. As reformas destinam-se precisamente a reconverter o ensino, de forma a adaptá-lo ao meio que deve servir».

— E no aspecto social: qual a situação em S. Tomé?

«Os problemas mais graves verificam-se no campo da saúde. Os portugueses deixaram-nos apenas um médico, os nossos hospitais estavam vazios, não tínhamos quaisquer medicamentos. Conseguimos resolver este problema com a ajuda de países amigos. Hoje, já damos uma cobertura sanitária ao País, Temos mais médicos e esperamos aumentar o seu número».

— Quais são as perspectivas para o futuro da vossa jovem República?

«Um país jovem como o nosso é evidente que tem largas perspectivas. Mas tudo está no começo. Já assinámos acordos com vários países e, com a sua cooperação, pensamos levar a cabo as tarefas difíceis que se nos apresentam. O nosso povo está a ser mobilizado no quadro do nosso movimento de libertação, que se encontra numa fase de reestruturação. Pensamos organizar um Congresso ainda este ano. Tem-se verificado uma grande adesão das populações às tarefas de consolidação da nossa independência e da reconstrução nacional. Já definimos o Estado, criando instituições próprias. Temos uma Assembleia Popular eleita nos termos da Constituição e, em Dezembro passado, formou-se o Governo definitivo. Assim, acho que o nosso povo tem nas mãos os instrumentos jurídicos e a força económica necessária para construir livre e democraticamente o seu futuro».



Amílcar
Cabral

Para uma melhoria das nossas Forças Armadas

«Por exemplo, os nossos comissários políticos devem fazer o seguinte: «Camaradas, entre a população desta área, desta terra, quem produzir mais arroz este ano, tem um prémio ou uma medalha do Partido e além disso o Partido vai convidá-lo para ir para o estrangeiro, conhecer outras terras», isso por exemplo. Quem produzir mais batatas, a mesma coisa, mais mandioca, a mesma coisa. Isso é que se chama emulação construtiva. Mas no quadro do nosso trabalho do dia-a-dia, devemos pensar sempre o seguinte: que diabo, se o João ou o Bacar fazem muito, porque é que eu não hei-de fazer muito também? Vou fazer força para fazer ainda mais do que o Bacar, mais do que o João. Mas o Bacar vê-me e vê que eu avanço e então decide fazer ainda mais. Estou contente por ele ter avançado, porque o nosso trabalho melhorou, mas vou continuar a fazer mais ainda».

No plano da nossa luta armada, devemos estimular os nossos combatentes, empurrá-los para fazerem cada dia melhor. A direcção do nosso Partido deve passar a apreciar os nossos combatentes pela sua acção, os comissários políticos pela sua acção, e levantar bem alto o seu nome, como melhores valores do nosso trabalho, porque eles, na emulação que estabelecemos, passam à frente. Devemos portanto, estabelecer a emulação construtiva, camaradas, a concorrência positiva ao serviço do nosso Partido e do nosso povo em todas as actividades.

PARA A MELHORIA DAS NOSSAS FORÇAS ARMADAS

Juntamente com a melhoria do trabalho político nas regiões libertadas, devemos melhorar cada dia mais as nossas Forças Armadas. Os camaradas das Forças Armadas que estão aqui e outros mesmo que foram ou serão amanhã das FARP, sabem que temos melhorado sempre a organização das nossas Forças Armadas. Hoje em dia sabemos todos que as nossas Forças Armadas são um instrumento do nosso Partido que, como já disse, nasceu do nosso Partido, como a flor sai dum planta, para fazer uma certa coisa. O quê? A luta armada, tiro nos tugas, correr com os colonialistas da nossa terra.

A flor sai da planta para dar fruto, para poder perpetuar a existência da planta. As nossas Forças Armadas saíram do Partido, quer dizer, nasceram do Partido, como um instrumento, para dar tiros nos tugas, para atacar os tugas, para pô-los fora da nossa terra e para defender a vida nova do nosso povo. É isso, mas elas são Partido também. Na nossa terra não há o problema de saber, quem vale mais, se são as Forças Armadas, ou se é o Partido. O Partido e as suas Forças Armadas são um só, porque as Forças Armadas são uma parte do nosso Partido. Assim como os Comités Inter-Regionais, Regionais de Zona, de Tabancas, etc., são, suponhamos, um braço do Partido, as Forças Armadas são outro braço do Partido. Um braço para dar nos tugas e em todos os inimigos armados do nosso povo, outro para construir a nossa terra. Quem não entende isso claro, quem vem, por exemplo, com manias de militarismo ou coisa que o valha, está perdido no nosso meio, no nosso Partido, porque não entendeu nada e não quer andar no caminho recto.

Mas devemos melhorar sempre as nossas Forças Armadas. Já fizemos a crítica do trabalho das nossas Forças Armadas, assim como fizemos o elogio do trabalho das nossas Forças Armadas».



Assembleia Nacional Popular

(Continuação da 1.ª página)

É de se referir que os camaradas deputados, de acordo com o programa anunciado pelo camarada João Bernardo Vieira (Nino), Presidente da Assembleia Nacional Popular, assistiram nessa mesma noite a um jogo de futebol do nosso campeonato nacional, que pôs frente a frente as turmas do Ajuda e do Ténis.

Anteontem, domingo, os nossos deputados voltaram a visitar as granjas de Pessubé e de Prábis, a seu pedido, a fim de melhor verificarem os resultados das novas experiências conseguidas no domínio da agricultura pelos nossos técnicos agrónomos em colaboração com outros técnicos estrangeiros amigos que se encontram neste momento no nosso país, em regime de cooperação.

A Base Aérea Militar de Bissau foi o segundo local a ser visitado, tendo os nossos deputados visitado todas as instalações que fazem parte daquela importante guarnição das nossas gloriosas FARP, bem como os aparelhos «Migs». Acompanhou os deputados nesta visita o comandante da Base, camarada Agostinho de Almada (Gazela).

A findar o programa de visitas, os representantes do nosso povo na Assembleia Nacional Popular visitaram o Quartel da Amura, onde puderam observar o Mausoléu provisório, onde ficará depositado o corpo do Militante número um do Partido e Fundador da Nacionalidade, camarada Amílcar Cabral.

Ontem, de acordo com o que foi estabelecido, os trabalhos tiveram o seu início às nove horas e trinta minutos tendo terminado somente às quinze horas e dez minutos, com um curto intervalo de dez minutos.

De acordo com as inscrições, deu-se início aos debates, tendo usado da palavra os deputados Morgado Tavares e Justado Vieira, ambos de Bissau; Luis Dias e Biagué Sumaré, de Bafatá; Wagner Tchudá, de Cacheu; Ansú Bodjam de Oio; Amadú Turé, de Gabú; e Ulé Na Biotcha, de Catió.

A exemplo do que tem sucedido nas sessões anteriores, os deputados falaram de temas diferentes, focando o que as regiões a que pertencem mais necessidade têm, nomeadamente nos campos da saúde, educação, transportes, comunicações (estradas e telefones) e, muito particularmente, no que se refere a abertura de mais Armazéns do Povo. É de se referir que os nossos deputados apresentam propostas no que concerne a medidas duras contra os especuladores e vendedores ambulantes pois «não se admite que um chefe de família viva só à custa da venda de um pacote de cigarros, ou de uns «filhos de cola», ou da venda de pequenas quantidades de mancarra, é preciso obrigarmos essa gente a procurar outro meio de vida».

No que se refere ao hospital de Bissau, merecem especial atenção as palavras do camarada Morgado Tavares, deputado pela região de Bissau, que acusou o pessoal dos serviços de pediatria e maternidade de falta de zelo e interesse no cumprimento do seu dever profissional, «pois esses locais devem ser o exemplo das nossas conquistas e realizações, na medida em que as crianças são as flores da nossa luta e a razão principal do nosso permanente combate». Morgado Tavares sugeriu ainda que se devia proceder a uma quotização a nível nacional no sentido de se adquirirem mais berços, «pois os que existem no hospital não dão para as necessidades pois, às vezes, um berço é utilizado por três ou quatro bebés de diferentes idades e doenças».

Como o que sucedeu com o deputado Morgado Tavares, o cama-

rada Justado Vieira, também deputado pela região de Bissau, foi atentamente escutado, pois este camarada falou do problema das minas que ainda não foram levantadas e que estão na base de alguns acidentes mortais verificadas nas algumas regiões do país, na medida em que ele é o comandante do Corpo de Engenharia e Sapadores das FARP.

A falta de mapas de localização das minas a falta de pontes suficientemente fortes que consigam aguentar o peso dos tanques arrebentadas, cujos pesos vão de quarenta a cinquenta toneladas, bem como a falta de barcas para os transportarem, foram as justificações apresentadas pelo camarada comandante Justado Vieira, que acrescentou: «Nós envidamos os maiores esforços no sentido de desmantelarmos a maior quantidade possível de minas. Os nossos quadros, mesmo com o risco da própria vida cumprirão essa missão custe o que custar».

A deputada pela região de Catió, Ulé Na Biotcha foi muito aplaudida quando apresentou a proposta de «que todos os funcionários transferidos para fora de Bissau que se recusarem devem ser pura e simplesmente exonerados dos seus cargos e do funcionalismo». Mais à frente, a mesma camarada, ao falar dos prisioneiros detidos pelo nosso Estado por atentarem contra a soberania da nação disse que «deviam ser postos a trabalhar na construção de escolas e hospitais, obras de interesse social, em vez de estarem à sombra, engordando com a boa comida que se lhes dá». No que se refere aos vadios andam por Bissau e noutros centros urbanos sem ocupação, «deviam ser enviados para o interior, onde de certeza teriam que trabalhar no campo para garantir a sua subsistência».

Terminada a lista das inscrições, o camarada Nino Vieira, Presidente da Assembleia, concedeu um pequeno intervalo de quinze minutos, tendo antes anunciado que a sessão retomaria os seus trabalhos ouvindo os Comissários cujos departamentos foram referidos nestes debates.

INTERVENÇÃO DOS COMISSÁRIOS

O reatamento dos trabalhos teve o seu início com o Presidente da Assembleia anunciando aos deputados a morte do grande patriota e militar soviético Marechal Grechko, em memória de quem pediu um minuto de silêncio, «na medida em que ele foi grande amigo do nosso povo, e um dos que mais contribuíram para a conquista da nossa independência e pelo nível atingido pelas nossas gloriosas Forças Armadas».

Os camaradas Filinto Vaz Martins e Mário Cabral foram os primeiros Comissários de Estado a responderem, perante a Assembleia, às várias sugestões apresentadas pelos deputados das oito regiões que compõem o nosso país.

O Comissário de Estado da Energia, Indústria e Hidráulica, começou por se referir à forma como se elabora um projecto para um determinado ramo de indústria, tendo focado a necessidade que há de se fazer sempre um estudo de identificação do local; da viabilidade económica do empreendimento; o estudo de engenharia a acoplar no estudo da viabilidade económica; e o estudo do financiador.

«Tudo isto faz com que um projecto anunciado para determinada região não seja tão rapidamente executado», salientou.

No que se refere à Energia, o camarada Filinto Vaz Martins anunciou que em breve iriam ter início os trabalhos de electrificação da cidade ao aeroporto de Bissau; a remodelação da rede

eléctrica da cidade; a condução da corrente de alta tensão de Bubaque a Bruce, numa extensão de dezoito quilómetros; a reparação dos geradores da Base Aérea, que poderão em caso de necessidade abastecer a cidade; a reparação dos geradores das regiões; a criação de duas empresas estatais, uma ligada aos serviços da água e luz, outra aos serviços da electrotécnica. A primeira empregará 40 pessoas e a segunda 80 pessoas.

Quanto à Indústria, o camarada Comissário referiu-se aos projectos da Central de Portogole e ao aproveitamento dos rios Corubal e Geba, para o aproveitamento da energia eléctrica para extracção da bauxite e sua primeira transformação, «pois para uma completa transformação da nossa bauxite em alumínio, os previstos 160 mil kilovátios a conseguir não chegarão».

Quanto à central de Portogole, «que passará a trabalhar só com casca de arroz, de mancarra e resíduos de madeira das serrações, fornecerá energia para o consumo de todo o país, e após o descasque da mancarra previsto em 70 mil toneladas, transformará, esse produto em óleo e em 5 mil toneladas de sabão».

Poderá ainda descascar 140 mil toneladas de arroz. Por isso, camaradas deputados a vossa tarefa agora, após voltarem às vossas regiões, é a de estimularem o nosso povo a aumentarem a produção. Em relação ao ano passado, o nosso povo trabalhou mais, na medida em que no ano de 1974 o arroz ocupou o primeiro lugar na tabela das importações efectuadas pelo nosso Estado, no valor de 280 mil contos, e este ano ocupou o segundo lugar com 110 mil contos em detrimento dos combustíveis, que passaram a ocupar o primeiro lugar das importações atingindo o valor de 150 mil contos.»

Filinto Martins referiu-se ainda à fábrica de cervejas e refrigerantes «Cicer», cuja direcção o nosso Estado passou a controlar na medida em que ela dava anualmente o prejuízo de cerca de 40 mil contos, dizendo que «há que substituir rapidamente as latas onde são enchidas as cervejas e refrescos, por garrafas».

Os projectos para as fábricas de tijolos e telhas; para o aproveitamento do mel e cera da abelha; para a preparação do couro com vista a fazer calçados, carteiras, etc.; parquetes; esponja; móveis e estojos; sumos e fruta enlatada; o aumento do «stock» de combustível; e a fábrica de oxigénio e acetileno foram os pontos a seguir focados pelo Comissário de Estado da Energia, Indústria e Hidráulica, camarada Filinto Vaz Martins, dizendo que os projectos respectivos já se encontram em pleno andamento e que dentro em breve as mesmas começariam a surgir em pleno funcionamento nos locais previamente anunciados.

O camarada Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, foi o segundo responsável do nosso Governo a usar da palavra, e começou por dizer que a falta de instalações, carteiras material escolar e principalmente de professores, fazem com que não sejam atendidos todos os pedidos formulados pelos deputados. A comparação entre os métodos de ensino colonial e os que estão a ser empregues pelo nosso Estado, de acordo com a linha de orientação do nosso Partido, foi o segundo tema focado pelo camarada Mário Cabral.

Falando das conquistas conseguidas durante o período compreendido entre as duas assembleias realizadas após a nossa indepen-

dência total, o camarada Mário Cabral disse: «No ano passado, 400 professores passaram pelos cursos de reciclagem; foi criada a Comissão de Professores, a fim de os mesmos melhorarem os seus conhecimentos; com a ajuda de vários governos e de organismos internacionais vamos construir o internato «Oswaldo Vieira» em Morés, que terá capacidade para 300 pessoas, construiremos um novo Liceu em Bissau com capacidade para 700 a mil alunos, um internato em Bubaque, uma escola de magistério primário em Bissau, um instituto de pedagogia em Mansabá, duas novas escolas em Dar-Es-Salam e Como e em todas as regiões serão construídas escolas destinadas à 6.ª classe, e uma escola agrícola em Gambiel ou em Quitáfine».

O camarada Comissário de Estado, da Educação Nacional e Cultura acabou dizendo que, «se compararmos as críticas feitas no ano passado pelos deputados, às deste ano, podemos considerar positivo o nosso trabalho».

Logo após a exposição feita pelo camarada Mário Cabral, o camarada Nino Vieira deu por terminada a sessão de trabalhos anunciando o seu recomeço para hoje às nove horas da manhã.

CAMARADA VITOR SAÚDE MARIA:

(Continuação da pág. 2)

portar as consequências da corajosa decisão da FRELIMO, que mais não foi do que uma forma consequente de dar cumprimento às medidas propostas pela OUA e pela ONU para o bloqueamento do regime racista da Rodésia. A questão do Sahara não chegou a ser abordada na Conferência, facto que se deve à diversidade de pontos de vista existentes entre os países africanos e árabes, acerca de tão importante problema da actualidade.

As impressões do representante de Cabo Verde sobre a Conferência Afro-Árabe eram idênticas às do representante da Guiné-Bissau.

Segundo o camarada Amaro da Luz, a cooperação preconizada neste encontro «é muito importante, na medida em que os países do Terceiro Mundo normalmente são fornecedores de matérias-primas aos países desenvolvidos, e as relações entre os dois grupos tem vindo a deteriorar-se de dia para dia». Para resolver esta situação, o ministro das Finanças de Cabo Verde defende a formação de uma frente comum afró-árabe, «que pode ser considerada uma frente anti-imperialista». A sua ideia corresponde a que ficou consagrada nos documentos finais da Conferência.

O camarada Amaro da Luz denunciou o que considera uma tentativa de boicote da Conferência por parte de certos países

FUTEBOL

O Sporting perdeu no Gabú

A equipa do Sporting de Bissau comprometeu seriamente as suas aspirações ao título máximo do futebol da nossa terra, ao perder, no domingo passado, frente ao Gabú, por 3 bolas a 2.

Também o Benfica, outro dos pretendentes, não foi além de um empate a um golo com Bolama, atrasando-se ainda mais em relação aos actuais líderes isolados, a turma da UDIB, que foi vencer folgadamente (4 a 1), em Tombali.

Eis os resultados da última jornada do campeonato nacional de futebol, realizado nos diferentes campos do país:

Benfica, 1 Bolama, 1; — Balantas, 3 Cantchungo, 0; — Gabú, 3 Sporting, 2; — Ajuda, 0 Ténis 0; — Farim, 4 Bula 1; e Tombali, 1 UDIB, 4.

A equipa do Sporting de Bafatá venceu a de Bissorã por falta de comparação desta última.

«menos progressistas» ali representados. Estes teriam tentado «monopolizar a conferência com questões possivelmente sem importância», para poder retirar-lhe «aquela influência que poderá vir a ter no estabelecimento de uma nova ordem económica mundial».

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Foi inaugurado anteontem, com a presença dos camaradas Samba Lamine Mané, Comissário de Estado da Agricultura e Pecuária, embaixador da RDA, camarada Kurt Roth, e deputados à Assembleia Nacional Popular, o Laboratório de Inseminação Artificial, oferta daquele país no âmbito da cooperação técnica com a Guiné-Bissau.

Usaram da palavra o embaixador da RDA, que em nome do seu Governo falou do laboratório e salientou a disposição de compartilhar na reconstrução e desenvolvimento económico do nosso país, e o camarada Samba Lamine Mané, que falou em nome do Partido e Estado, agradecendo a valiosa oferta e pondo em destaque a sua importância para o programa de desenvolvimento pecuário a levar a efeito em todo o território nacional.

Em seguida, com explicação pelos técnicos, foram percorridas todas as salas, pondo assim os camaradas deputados ao corrente desta grande arma para o desenvolvimento nacional.

Assembleia Nacional Popular

CAMARADA LUIZ CABRAL À ASSEMBLEIA:

Faremos todos os sacrifícios que forem necessários para melhorarmos cada dia mais o nosso trabalho no ensino

Publicamos hoje a segunda parte do discurso proferido pelo camarada Presidente do Conselho de Estado, durante a abertura solene da sessão ordinária da Assembleia Nacional Popular, que decorre actualmente em Bissau.

O Presidente Luiz Cabral afirmava, referindo-se aos camaradas do Comissariado de Estado do Comércio e Artesanato:

«Nós podemos felicitar os camaradas que têm feito aquele trabalho, que têm procurado garantir o mínimo necessário para uma vida normal na nossa terra. Nós encorajamo-los a melhorar o seu trabalho cada dia mais, porque sabemos que temos novas dificuldades no futuro, mas temos de ser capazes de superar essas dificuldades, vencê-las e assegurar um abastecimento normal na nossa terra, para quando o nosso povo trabalhar e ganhar o seu dinheiro, ter coisas para comprar.

Os camaradas também têm feito um esforço no domínio do Artesanato. A arte, o artesanato africano, é uma coisa grandemente apreciada em todo o mundo, como a arte de qualquer povo.

Na nossa terra, há pessoas que esculpem pau, que fazem bonecas, que fazem coisas muito bonitas, mas que são só eles, na nossa terra, a fazê-las. A nossa terra, pequenina, mas vocês não encontram isso em nenhum outro país da África.

Hoje, a África tem muitas raças diferentes, mas quando se fala de arte africana, faz-se referência à arte bijagó, que é original. Não há na África, como ela. A arte nalu, também. Há a arte fula, mandinga, mas essa há também noutras terras.

Nós queremos desenvolver a arte em todas as regiões da nossa terra, entre todas as raças do País. Vamos fazer força, para fazermos tudo aquilo que o nosso povo sabe, desde o passado, mesmo aquelas coisas que eles tinham deixado de fazer durante o colonialismo. Vamos desenterrar isso e dar-lhe valor, no mundo.

O Comércio e Artesanato vai encarregar-se disso e todos os comités de Estado, de região, sector ou secção, devem apoiar e ssa iniciativa. Os Comités de Tabanca, os deputados, devem descobrir as coisas antigas que o nosso povo tem, que devem estar em qualquer parte, para que o mundo possa conhecer, para podermos dar valor à cultura da nossa terra, do nosso povo, que é um povo soberano, que tem o direito de estar em qualquer parte do mundo onde fôr falado de arte, de escultura, de pintura. O nosso Estado está disposto a dar todo o apoio, pa-

ra desenvolvermos este sector, em todas as bandas do País.

Conhecer aquilo que temos, e estudar aquilo que há no mundo, para melhorarmos o que temos, para avançarmos, também nesse domínio. Organizar cooperativas de artesãos, que são pessoas que fazem objectos de arte, em todas as tabancas, com o apoio dos Armazéns do Povo. Quando esses artesãos vierem vender os seus objectos, o lucro deve ser para o artista autor, para melhorar a sua vida. Vamos todos, dos comités de região, sector, tabanca, comités do Partido, encorajar o trabalho destes artesãos, para descobriremos a beleza que não é conhecida. Há muita gente em Bissau que não conhece o que o nosso povo tem no chão dos Nalús, no chão dos Bijagós. Vamos fazer, assim, um Museu cada vez mais rico, um museu que apresente a história do nosso povo, do nosso passado, de todos os movimentos populacionais, tudo isso é o que temos que fazer, para valorizar cada dia mais a História e a Arte do nosso povo.

OBRAS PÚBLICAS

Temos também imensos problemas para resolver, como os camaradas sabem, no Comissariado de Obras Públicas, Urbanismo e Construções, o Comissariado que tem o maior número de trabalhadores, quase como as Forças Armadas...

Tem um trabalho bastante difícil, herdou também uma situação difícil. No Sul, quase nenhuma estrada é transitável e no Leste, as estradas do Boé também o não são. No Norte, nas áreas de S. Domingos, Suzana, todas as estradas estão impraticáveis, outras ainda continuam minadas. Houve operários que caíram em minas quando estavam a levantá-las dessas estradas. Tudo isso são dificuldades grandes que os camaradas das Obras Públicas têm de enfrentar.

Mas eles já fizeram grandes esforços. Se formos a ver, já conseguiram abrir mais de quinhentos quilómetros de estradas, quase sem material. Quando aqui chegámos, a Bissau, não encontramos nenhum material em condições. Com as «Buldozers» e outras velhas máquinas que os camaradas conseguiram arranjar,

é que foram abrir as estradas e até já construíram algumas pontes. Se formos para o Sul, veremos as pontes de Balana, Balanazinho, já construídas; se formos para o Norte veremos também várias pontes já construídas, até mesmo arranjaram a ponte de Bafatá que estava quase a cair. Isso representa muito trabalho, muito esforço, dos nossos camaradas, que quase não têm material.

Por todo o lado, o povo pede que abram estradas. Faremos isso, mas tem que ser pouco a pouco, à medida que formos arranjando os materiais necessários. Já começaram a chegar máquinas. Como se aproxima a época das chuvas, os camaradas das Obras Públicas vão fazer um esforço para ver se conseguem avançar com a abertura das estradas para o Sul, pelo menos para garantirem a passagem de carros por essas zonas.

Havia estradas cuja abertura era urgente. Por exemplo, a estrada de Gambiel, para ser utilizada pelos técnicos estrangeiros que para lá iam trabalhar. Se não se tivesse aberto aquela estrada no tempo seco, para permitir o estudo dos terrenos dessa zona, o projecto açucareiro, que só estará pronto em 1980, atrazaria mais um ano!

Isto atrasou também alguns projectos que tínhamos, de mandar máquinas para o Sul, abrir estradas. Mas temos a certeza que faremos algum trabalho antes das chuvas. Com as máquinas que recebermos dos países amigos, com a solidariedade internacional, teremos os equipamentos necessários para, no próximo ano fazermos uma grande campanha de construção de estradas.

Vão ser alcatroadas novas estradas e construiremos outras. A estrada Bambadinca - Jugudul, com uma ponte, para as quais já conseguimos financiamento do Banco Africano de Desenvolvimento.

Essas farão a abertura para o Sul. Há outros estudos que vão ser feitos sobre as estradas do Sul, de Catió a Tite, que esse Banco se aprontou a financiar. Ainda não sabemos se os estudos serão feitos antes das chuvas, mas temos a certeza que este programa será levado avante. Temos a estrada da fronteira norte, para a qual pedimos à Comunidade Económica Europeia que nos ajude na sua construção. Esta Comunidade, é formada por todas as terras ocidentais da Europa, e nós, de vários países africanos, das Caraíbas e do Pací-

fico, formamos com eles uma associação, numa convenção que assinámos em Lomé, no Togo.

Pedimos-lhe que nos ajude na construção da estrada que fica entre Varela e Farim, na estrada que faz fronteira com o Senegal; na construção de pontes, na aquisição de jangadas para podermos garantir uma ligação segura com as fronteiras com o Senegal e a Gâmbia; estes são os projectos com que as Obras Públicas vão avançar.

Mas, as Obras Públicas têm também outro problema, que é o do elevado número de pessoas. Depois de um ano e meio das nossas actividades, chegámos à conclusão que não podemos pagar a todo esse pessoal. Temos tido grandes dificuldades no seu pagamento. Vão ser pagos todos os meses em atraso e aqueles que não podermos aguentar, ajudá-los-emos a organizarem as suas vidas na lavoura. Queremos que esses camaradas que nas Obras Públicas ganham muito pouco, quase nada, que ganham um conto ou 900 pesos, ou um conto e tal, compreendam que com a ajuda do nosso Estado, se trabalharem a sério na agricultura, ganharão melhor do que ganham aqui, às vezes sem fazer trabalho nenhum. Se eles tiverem consciência das dificuldades que a nossa terra atravessa nesta fase inicial, verão que não podemos pagar a homens que não têm um trabalho específico, que não podemos pagar a homens que vão ficar sentados sem fazer nada.

Quando chegámos a Bissau, não queríamos tirar a ninguém o seu trabalho, para que não ficassem depois sem nada. Aguentámos essas pessoas durante um ano e meio. Mas chegámos à conclusão que isso é contra os interesses do nosso povo, contra essas próprias pessoas que não têm nenhuma possibilidade de avançarem. Mas, se se juntarem, formando cooperativas e lavrarem, terão possibilidades de avançar, de melhorar as suas vidas, pois podem organizar cooperativas em qualquer local da nossa terra que quiserem. Portanto, eu peço a compreensão desses camaradas, porque eles também devem dar a sua contribuição nesta nova fase da vida em que estamos.

Há muitos esforços que as Obras Públicas agora fazem e que serão visíveis só no futuro. O esforço de melhorar as nossas cidades de melhorar Bissau, para torná-la uma bonita e organizada cidade que, embora pequena, nos dê orgulho de vivermos nela, e possa ser bem vista pelos estrangeiros que a ela venham.

Construiremos em Bissau casas novas para acabarmos com os sistemas de construções antigas que havia cá em Bissau e noutras bandas. Casas que não prestam para nada, que basta apanharem só um bocado de chuva para começarem a rachar. Para as outras cidades, também temos projectos de construção de muitas escolas e hospitais.

Vamos fazer da nossa terra, uma terra bonita mas, para isso,

todos nós teremos que nos esforçar. Os camaradas das Obras Públicas, com a ajuda dos técnicos estrangeiros que cá estão, particularmente os técnicos jugoslavos que vieram nos primeiros momentos para nos ajudar, devem ter o nosso apoio.

Com essas ajudas, temos a certeza que faremos da nossa terra uma terra bonita. Não estamos a pensar em fazer casas só nas praças. Faremos casas em todas as bandas da nossa terra, faremos das nossas tabancas, centros bonitos. Para isso, temos que ter confiança nos camaradas das Obras Públicas, dar-lhes condições cada dia melhores, porque precisam de muitos equipamentos, muitas máquinas, muitos meios para poderem cumprir os seus deveres.

Temos também projectos de novos portos, pois, como sabem o nosso porto não serve para nada. Só pode atracar nele um barco de cada vez e há barcos que não podem demorar mais do que dois dias, porque, a partir daí, temos que pagar 150 contos para cada dia mais. Quando um atraca, o outro tem que estar à espera...

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Portanto, para o nosso desenvolvimento nesta fase nova, o porto é uma coisa fundamental. O Comissariado dos Transportes e Comunicações tem a responsabilidade de estudar esse problema. Temos muitas dificuldades ainda. Temos muitos barcos velhos que precisam ser conservados. Não temos rebocadores que teriam por missão ir rebocar todos os barcos que entram e trazê-los até ao porto. Tudo que os colonialistas nos deixaram não presta, as jangadas também estão todas velhas e furadas. Mandamos buscar jangadas que devem estar cá dentro de dois ou três meses.

Já temos projectos de construção de novos portos e aeroportos para que um país árabe, o Koweite, que nos tem ajudado, vai emprestar-nos dinheiro.

Sabem que nós somos grandes amigos dos países árabes, que nos ajudaram durante a luta e que, depois da independência, demonstraram o desejo de nos continuarem a ajudar, porque são nacionalistas também e, são gente que lutaram pela independência das suas terras. Nós somos membros da Conferência Islâmica, porque na nossa terra, em cada 100 pessoas, 35 são muçulmanas. Portanto, os países árabes ajudam-nos nesta fase de luta para o desenvolvimento e consolidação do nosso desenvolvimento.

No dia 28 deste mês de Abril, o camarada Inácio Semedo, director-geral da Cooperação Internacional, irá a Roma assinar com o Koweit e com uma companhia italiana, acordos de estudos para a construção do nosso novo porto e novo aeroporto. Um porto que, segundo a opinião

(Continua nas páginas centrais)

(Continuação da página 5)

dos técnicos que por cá passaram não devia estar onde o actual se encontra, mas sim, lá em Bandim. Pensamos que o nosso actual porto venha a ficar como porto de pesca.

Estudaremos também o problema dos transportes, para vermos se melhoramos os nossos barcos, porque na nossa terra há muitas ilhas, portanto os barcos têm grande importância. O Comissariado dos Transportes deverá ter esses barcos todos em condições de funcionamento, bem conservados, bem pintados, com todas as condições para o nosso povo viajar como deve ser.

Temos que ver também o problema dos preços dos bilhetes, porque os bilhetes são baratos demais. A demagogia dos spinolistas, que punham os preços baratos demais para enganar as pessoas. Mas agora temos que pôr preços justos para cada coisa, temos que ter melhores barcos, comprar novos barcos, portanto temos que pôr preços justos.

Vamos pôr a circular autocarros novos, sabemos que uma das grandes realizações que fizemos, é a empresa de transportes que criamos, transportes automóveis «Siló Djatá», cujo director-geral é o camarada Malan Gino Mané. Será no futuro uma grande empresa, que reunirá também a empresa de autocarros «Boa Viagem» e outras, cujas actividades não serão só em Bissau, mas também fará ligação com os diferentes centros urbanos da nossa terra.

Esta empresa receberá mesmo amanhã, 20 autocarros novos. Também receberá outros tipos de carros, como táxis e carros para transportes de turistas. Vão ser feitas novas instalações, porque queremos fazer coisas modernas de acordo com a terra moderna que queremos criar. Temos grandes esperanças que esta empresa será, sob a direcção do camarada Malan Gino, um instrumento de progresso na nossa terra.

A PESCA

O Comissariado dos Transportes tem um outro problema, o da pesca. Nas nossas águas territoriais há muito peixe, mas aquele peixe até agora não deu nenhuma contribuição para o avanço da nossa terra. Mas agora pensamos aproveitar a sério esta nossa riqueza. Compete ao Comissariado dos Transportes e Comunicações controlar esse domínio e já deu um passo nesse sentido criando empresas mistas tais como a «Estrela do Mar», em associação com os nossos amigos soviéticos. Com os amigos argelinos, criámos a empresa de pesca «GUIALP» e com uma empresa francesa foi criada a «SEMAPESCA», que tem o seu campo de acção em Cacheu, mas Bissau beneficiará das suas actividades. Não vimos ainda grandes vantagens, só a «Estrela do Mar» nos permitiu a melhoria da alimentação em Bissau e no interior, a redução do preço do peixe para 15 e 7 pesos, e posso até garantir que a Guiné-Bissau

é o País da África onde o peixe é mais barato. Claro que não conseguimos realizar tudo o que tínhamos planeado, que é levar peixe para todos os pontos do País, todos os sectores, tabancas, para Gabú e Pitche. Foi para isso que comprámos os camiões frigoríficos, mas não conseguimos organizar a distribuição do peixe como pretendíamos. Tudo isto são projectos, cabe ao Comissariado dos Transportes organizar bem a distribuição do peixe.

A BAUXITE

Para já temos a certeza de que na nossa terra há bauxite (alumínio). Há bauxite no Boé, e queremos explorá-la. Na última viagem que fizemos, assinámos um acordo com os nossos amigos da Roménia e eles vão enviar brevemente uma missão que estudará concretamente connosco o problema da bauxite. A nossa ideia e a dos responsáveis deste departamento é que antes de começarem a explorar as minas, devia-se desenvolver o Boé.

Portanto, devemos começar por criar um Gabinete de Estudos para o Desenvolvimento do Boé. Esse trabalho começará com a construção do caminho de ferro de Boé que irá até Buba, onde existem possibilidades de se fazer um grande porto de exportação da bauxite transformada. O porto de Buba é superior ao de Bissau, possui uma profundidade de 20 metros e mais, podendo portanto receber barcos de quase cem mil toneladas, que ali atracarão para carregarem alumínio. É necessária a construção do porto e do caminho de ferro, temos que construir a barragem do Saltinho que nos dará energia eléctrica e finalmente construir a fábrica de transformação da bauxite em alumínio, que depois exportaremos o que nos dará mais rendimentos para o nosso país.

Para esse efeito, já assinámos um contrato com os romenos, e também já contactámos outros países que eventualmente poderão estar interessados em associarem-se a nós na exploração desta riqueza.

Existem já outras riquezas cujas existências foram confirmadas. Por exemplo, nas areias dos Bijagós há um material com o qual é possível fabricar vidro, com outro pode-se fazer tinta. Já contactamos os romenos para que nos confirmem realmente a existência dessas riquezas e possibilidades de exploração. Temos também grande esperanças de que no nosso subsolo haja petróleo. Os americanos que cá estiveram, no passado, a fazer prospecção, disseram que havia, mas muito pouco. Nós continuaremos a procurar com a colaboração de uma empresa italiana que brevemente nos dará uma resposta e temos também um acordo com a Roménia nesse sentido. No entanto, mesmo que encontremos petróleo, o que seria excelente, a agricultura continuaria a ser a mais importante actividade do nosso país, porque o petróleo pode acabar, mas a terra não...

Temos também a esperança de que haja fosfatos na nossa

terra, vamos procurá-los. Mas tudo isso são esperanças, a única certeza é a bauxite, camaradas!

OS CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

Há um domínio importante, o dos Correios e Telecomunicações. Sabemos que conforme uma terra vai progredindo, ela vai necessitando de comunicar com outras, para não ficar isolada. Por exemplo, nós queremos desenvolver cada região de maneira que cada uma tenha uma certa autonomia em relação a outra, mas é importante que se possam comunicar facilmente entre elas. Mas, se não houver comunicações, não será possível o intercâmbio de experiências. Nesse caso urge arranjar um sistema de comunicações rápido.

Nós todos sabemos que os bons rádios que cá estavam pertenciam à tropa, assim que par-

ra avançará depressa, mas temos que tomar muito cuidado. O camarada Vasco Cabral, Comissário da Planificação, terá que trabalhar bem, para poder garantir que a nossa terra não avance mais depressa do que os homens.

A EDUCAÇÃO

A Educação Nacional também tem grande importância neste esforço, para garantir os quadros que serão necessários cada ano, para fazer andar as coisas que formos fazendo. Podemos dizer que, a Educação Nacional é a coisa que estamos a fazer com mais ousadia, porque estamos a fazer uma educação que nos custa o dinheiro que não temos, levando-nos a pensar em cada mês, como é que arranjaremos meios para aguentar todas as escolas que criámos, com os 85 mil alunos, com mais de dois mil professores espalhados por toda a nossa terra, com uma percentagem superior a 10% da popu-

CAMARADA LUIZ CABRAL A

” Para nós, do P
a primeira coisa
para sermos coel
é apoiar os out
de libertação ain

Somos nós quem tem a nossa independência

tiram levaram com eles todos esses materiais, deixando-nos os velhos telefones que precisam de ser renovados e que dão tantas dores de cabeça ao camarada Fortes... Mas, temos esperanças de que brevemente mudaremos tal situação. Temos um programa bastante ambicioso e grande, que levaremos a cabo com a colaboração da França e da Suécia. Pensamos montar uma rede de telecomunicações, que já começou a ser instalada, o que permitirá comunicação com qualquer região da nossa terra por telefone e, mais tarde, talvez com todos os sectores, e permitirá também comunicação por telex com qualquer banda. Será ligada também à rede internacional de telex e assim ficaremos com várias saídas para o mundo e não com uma só como a que existe, que nos faz depender da «Marconi» em Portugal, e que nos isola do mundo quando há greves.

Sabemos que o serviço, nos Correios e Telecomunicações, marcha muito bem. No início houve algumas dificuldades e foi necessário impôr uma certa disciplina dentro desse Comissariado. Essa disciplina conduziu a choque com algumas pessoas, mas tenho a certeza de que todas as pessoas honestas e sérias que nesse Comissariado trabalham, compreenderam a necessidade dessa disciplina e vêm que esse Comissariado agora trabalha cada dia melhor. Agora os seus quadros no estágio começaram a regressar e virão melhorar consideravelmente o nosso serviço dos Correios e Telecomunicações, tanto para as ligações no interior, como para o exterior.

Todas estas coisas são um grande progresso para nós e temos que pensar que a nossa ter-

lação escolarizada, percentagem essa que foi atingida só por alguns países africanos que fizeram esforços consideráveis na Educação.

Nós, depois só de um ano e meio da libertação total da nossa terra, atingimos isso. Claro, camaradas, que temos grandes dificuldades para aguentar tudo isso, porque os professores têm que ser pagos todos os meses, os livros têm que ser comprados, têm que ser construídas escolas. Não é como no tempo da luta, em que nenhum professor era pago, todos eram voluntários. Bastava dizer a alguém que ele estava destacado como professor, para que ele pegasse na sua mochila e fosse abrir a sua escola. Agora, tudo tem que ser contabilizado, tudo tem que ser pago!

Nós faremos todos os sacrifícios, todos os esforços que forem necessários para levarmos a educação para a frente, para melhorarmos cada dia mais o nosso trabalho de Ensino, elevaremos cada dia mais o seu nível, para podermos ser um povo culto, um povo que, de facto, conhece onde estão o bem e o mal, onde estão a verdade e a mentira, onde está o seu progresso, para poder ser capaz de defender os seus verdadeiros interesses.

Fizemos esforços no problema dos liceus. Havia só um liceu cá em Bissau. Agora vêm-se liceus em Bafatá, em Bolama, em Canchungo, ensinando até ao terceiro ou quarto ano. Temos um programa em estudo para vermos se criamos em cada região uma escola secundária, criando condições para os nossos jovens poderem estudar junto das suas famílias, na própria região. Dantes, só as pessoas que podiam vir a Bissau é que estudavam.

Mas temos dificuldades em professores. Sabemos que a ajuda dos professores portugueses que foram enviados no quadro de cooperação, foi uma coisa essencial para este trabalho que estamos a fazer no plano do Ensino, o que nos dá esperanças de que as nossas relações com Portugal melhorarão a ponto de resolvermos esse contencioso que temos com ele, para podermos continuar a cooperar, não só no domínio de Educação, mas também em todos os outros domínios.

Queremos louvar todos os técnicos portugueses que aqui estão, pela bastante dedicação ao seu trabalho que têm demonstrado, bastante espírito de camaradagem com os alunos e com todos os professores daqui e que têm dado uma contribuição decisiva para a melhoria considerável que temos tido no nosso ensino secundário este ano.

Este problema de Ensino é de grande importância. A escola é como uma faca de dois gumes, porque aos alunos deve ser ensinado o que devem fazer quando forem grandes. Se não se fizer assim, acontecerá como dantes, em que cada indivíduo que aprendia a ler até à terceira ou quarta classe, já não queria ser lavrador, queria só vir para a cidade, não queria ficar no mato. Se deixarmos que isso continue a acontecer, as nossas escolas constituirão uma grande fábrica de desempregados, porque não teremos trabalho para dar a toda a gente na cidade!

Portanto, temos que criar uma nova mentalidade nos indivíduos que vão às escolas. Temos de planificar e determinar até onde vão esses indivíduos, em que ramos se devem formar, de acordo com as fábricas que vamos criar, de acordo com os projectos de

SEMBLEIA NACIONAL POPULAR

ASSEMBLEIA:

AIGC,
a fazer
rentes,
os movimentos
da em luta"

de assegurar e a nossa soberania

agricultura que estamos a fazer, com o nosso desenvolvimento das telecomunicações, com o desenvolvimento da saúde. Para que cada homem que acabe os seus estudos, tenha trabalho garantido.

Devemos mostrar também que, se um indivíduo for à escola, fará melhor a lavoura. Um homem que estudar, poderá fazer a lavoura em melhores condições. Aqui, na nossa terra, muita gente quer um tractor. Mas, um homem que for à escola, que fizer os seus estudos até um certo nível, estará mais apto para utilizar um tractor, para consertar um tractor, para tirar maior rendimento do tractor. Estará mais apto mesmo para estudar os avanços que a agricultura terá noutros domínios, para estudar as experiências que serão feitas nos centros de experiências que vamos criar aqui, para de facto ser um agricultor moderno, um agricultor capaz de seguir toda a vida da sua terra — vida política, vida social —, um agricultor que possa beneficiar de todos os progressos da Humanidade.

Temos que valorizar o trabalho do camponês, para que ele possa frequentar qualquer meio na nossa terra. Para que quando ele quiser vir a um cinema em Bissau, possa pegar num autocarro e vir, para que quando ele quiser vir ao baile, ver o futebol, o teatro, possa vir. Mas também tem que haver teatro, futebol e cinema na sua área, na sua tabanca. Faremos uma terra culta, uma terra em que toda a gente estude, mas onde ninguém estuda para ter só o seu diploma nas mãos, mas para aumentar a sua cultura cada dia mais. Isso é que tem que ser o nosso objectivo.

Para isso, temos que fazer

uma revisão total no nosso programa de ensino. Temos que transformar o nosso programa de ensino, num programa de acordo com o nosso desenvolvimento. Os nossos camaradas da Educação Nacional já têm uma ideia sobre isso e estão a estudá-lo cada dia mais, para podermos fazer de facto um programa de ensino que servirá a nossa terra, e não um programa de ensino que irá formar indivíduos que irão desprezar a nossa terra, e não um programa de ensino que irá formar indivíduos que irão desprezar o próprio trabalho do seu povo, dos seus pais. Não queremos isso na nossa terra. Queremos sim, que cada indivíduo estude mais para elevar o nível do nosso povo, que cada indivíduo que estudar mais, que aprender mais, sirva a sua terra, o seu povo. Não para servir os seus próprios interesses, colocando-se em cima do seu povo na

sua terra..

A CORRIDA ÀS BOLSAS DE ESTUDO...

Criaremos um espírito novo de civismo, de patriotismo, de consciência militante, para acabarmos com essa corrida às bolsas de estudo que há agora, para acabar com essa ideia que os nossos jovens têm agora de que só os engenheiros e os doutores é que valem nas nossas terras. Podemos ver o sacrifício daqueles nossos camaradas, que podiam estudar também, que podiam ser hoje engenheiros, doutores, mas não fizeram isso, pegaram na nossa luta, sacrificando toda a sua juventude pela libertação da nossa terra, para podermos ter hoje o nosso país completamente livre. Estudemos cada vez mais, para beneficiarmos das bolsas de estudo que o nosso Estado pode dar, que são hoje muitas vezes mais, em número, do que as que os colonialistas davam. Uma prova disso é que, com um ano e meio de independência temos já mais de 600 estudantes em países estrangeiros. Mas não vamos vir isso como um objectivo na vida. Quando tivermos uma formação, quando fizermos um curso médio ou um curso técnico, devemos voltar para a nossa terra e trabalhar com amor ao trabalho, com decisão, para dar uma contribuição ao progresso da nossa terra, pôr aquilo que já aprendemos ao serviço do nosso povo, a sério, como militante.

Estamos a ver que há muitos camaradas que não estão a demonstrar essa consciência. Muitos deles que se criaram na luta, que estiveram na luta, depois de tirarem o curso médio, chegaram à nossa terra como «hóspedes» e ainda esperavam que lhes dessemos outra bolsa para irem

tirar outro curso! Alguns, que fizeram o curso superior, já pensam no seu doutoramento...

Esses, vêm como hóspedes, não querem ver os problemas da nossa terra e estudá-los a fundo, a fim de conhecerem melhor as nossas realidades, para sabermos como poderão dar a sua contribuição real para o progresso da nossa terra, não só como técnicos, mas como militantes do nosso Partido. Ao contrário, como hóspedes, muitas vezes, nem na nossa vida política esses camaradas participam. Se há algum trabalho voluntário, eles não participam, participam nas reuniões da juventude e do Partido nos bairros. Marcam a sua presença quotidiana para poderem ganhar dinheiro no fim do mês, mas ficam de fora de toda a vida nacional, à espera de poderem arranjar outra bolsa para irem continuar os estudos.

Nós somos contra esse espí-

rito. Devemos combatê-lo duramente no seio da nossa juventude. Os nossos jovens podem considerar que, aqueles que tirarem um curso médio e que regressarem para trabalhar, já têm uma arma grande para servirem o nosso povo, se querem servi-lo. Aqui, vamos abrir o caminho para pessoas com cursos médio ou técnico, para amanhã poderem dirigir os que têm curso superior, se tiverem capacidade para isso. Isso, para acabarmos com esse oportunismo, com essa «hospredade», para nos dedicarmos a sério ao trabalho na nossa terra, para nos dedicarmos a sério aos trabalhos do nosso Partido, para nos dedicarmos a sério a esta obra de reconstrução nacional em que estamos empenhados.

Sabemos que temos falta de quadros para os projectos que temos. Eu ficaria muito satisfeito se visse, daqui a uns cinco ou seis anos, um camarada chegar como engenheiro. Mas se dentro de todo este tempo, voltarem formados 10 ou 12 engenheiros, não serão tão úteis, tão indispensáveis à nossa terra, como agora são aqueles regentes agrícolas que nos ajudarão no projecto do rio Gambiel que pode transformar completamente a nossa terra; que nos ajudarão nos projectos de arroz no rio Geba que poderão transformar totalmente a nossa terra; e nos ajudarão em vários projectos que já temos elaborados para fazermos avançar a nossa terra.

Temos que estudar estas coisas para podermos ser indivíduos responsáveis e não sermos como aqueles que querem aproveitar já a primeira oportunidade para se desorientarem. Vimos por exemplo o problema que se põe na função pública com saída de funcionários, quer dizer, indiví-

duos que trabalham para o Estado durante dois ou três anos e quando já começaram a trabalhar bem e a ganhar a sua vida durante este período, aparecem as bolsas e já não pensam em mais nada. Só pensam em conseguir a autorização do Comissário a fim de conseguirem bolsa para irem estudar, sem nunca pensarem qual o problema que podem criar dentro daquele departamento, qual é o problema que podem criar ao próprio Comissário, que muitas vezes é um novo Comissário que acaba de chegar e que tem necessidade de uma equipa já conhecedora daqueles serviços para o ajudar a avançar com todas as suas responsabilidades.

Nós achamos justo que esses indivíduos queiram estudar, mas mais justo ainda, é cada um de nós tomar a consciência do momento histórico que o nosso povo vive nesta altura e cada um de nós ter a consciência clara da utilidade que pode ter como militante e como filho digno do nosso povo a fim de dar a sua contribuição no sentido de darmos aquele passo em frente que temos que dar mesmo agora, porque se o não fizermos agora, vamos cair.

Não há outra alternativa, para indivíduos com responsabilidades como as nossas. Mas para darmos esse passo são precisos homens, são precisos quadros. É preciso homens de todos os níveis, pois não é só com engenheiros que podemos dar esse passo, não é só com médicos, mas sim precisamos de indivíduos de todos os ramos para construirmos uma sociedade, mas que tem que ser uma sociedade justa, em que nenhum de nós, lá porque tirou o curso ou porque é ministro ou presidente vai tentar passar por cima dos outros. Uma sociedade em que todos nós temos que ter uma vida digna que lhe abra o caminho para se realizar e para ser um ser feliz e completamente realizado nesta nossa terra.

Damos também conta do novo ambiente já criado no liceu este ano, onde temos verificado da parte dos jovens, em qualquer região mas, particularmente, aqui em Bissau, em que é muito maior o número de jovens, uma consciência muito maior do que a do ano anterior, consciência e interesse no trabalho político do Partido, interesse nos problemas políticos.

Vimos o grande entusiasmo que houve da parte de todo o nosso povo, mas particularmente da juventude, com a vinda do nosso camarada Agostinho Neto, todo aquele entusiasmo então demonstrado. Isso mostra-nos o nível da consciência política das nossas gentes e toda a solidariedade profunda que criámos com a luta do povo de Angola, mas com todas as lutas de libertação e que não ficámos contentes só com a libertação da nossa terra, mas que continuamos a viver com a mesma intensidade a luta de todos os povos que querem a sua liberdade e a sua independência.

Portanto, podemos felicitar todos os camaradas, por este ambiente político melhor que en-

contramos em todos os liceus, em todas as regiões, e felicitar os jovens pela sua nova consciência que vêm criando, uma consciência responsável e um interesse pelo estudo dos problemas da nossa luta e do nosso Partido, porque nós achamos que isso é fundamental. Se não fizermos isso no seio da juventude, tudo quanto fizermos hoje pode estar comprometido. Se não conseguirmos fazer da JAAC um grande instrumento do nosso Partido, que reúna no seu seio todos os jovens conscientes, pode ser que tudo quanto fazemos hoje, amanhã venha a estragar-se.

Portanto, é preciso que os jovens se interessem profundamente pelo nosso Partido, pela nossa luta, pela luta de outros povos no mundo, pelos nossos problemas de toda a natureza. Que possam os jovens acompanhar a evolução da nossa sociedade, que a juventude possa continuar como a vanguarda do nosso Partido, como o foi durante a luta de libertação nacional.

Temos que exortar os camaradas a combater todo aquele espírito de violência criado durante a época da luta nos centros urbanos, porque a guerra colonial da parte do inimigo do nosso povo criou uma ideia de violência, de insulto, de mácriação, de brigas, de pancadas. Nas aglomerações, onde há um ajuntamento de pessoas, no futebol ou em qualquer lado, todos são valentes, e cada um pretende mostrar que é mais valente que todos. Jovens que gostam de brigar nos liceus, mas jovens ainda que gostam de insultar os companheiros, que gostam de pregar partidas aos companheiros. Devemos criar em todo o nosso território aquele espírito de amizade e de camaradagem que é necessário na nossa juventude, o mesmo espírito que criamos entre os nossos jovens durante a luta, um espírito de amizade e de confiança nos companheiros.

Quando visitávamos os nossos lares, em Ziguinchor ou em Conakry, ou ainda em qualquer lado onde havia nossos jovens e por onde passavam milhares de combatentes durante o ano, não assistíamos a nenhuma briga entre combatentes, nenhuma discussão ou pancadaria entre duas pessoas nas nossas escolas e nos nossos internatos em que nunca se ouvia as crianças insultarem-se umas às outras.

Vamos criar este espírito em todos os jovens, um espírito de competição no desporto, no atletismo, na música, na cultura, na literatura, enfim em tudo o que é belo mas vamos acabar com brigas, com pancadas, com violências e vamos ser violentos apenas com os inimigos da liberdade e independência do nosso povo.

Nisto, devemos ser intransigentemente violentos, camaradas, porque temos que fazer assim para podermos realizar aquele sonho maravilhoso que o nosso camarada Amílcar Cabral nos deixou.

(Continua na pág. 8)

(Continuação da página 7)

DEFENDER A SAÚDE

É preciso defender a saúde do nosso povo para poder garantir a juventude, para que as crianças não morram como acabamos de afirmar que, entre cem crianças, quase metade morrem antes de se tornarem adultas. Para isso, temos que fazer um grande esforço na saúde e temos feito milagres no domínio de saúde.

Se tivermos em conta os nossos recursos e se olharmos para o que temos estado a fazer na nossa terra neste campo, mesmo nós que viajamos muito, que visitamos muitos países, verificamos que o que estamos a fazer na nossa terra no domínio da saúde, em muitos países da África ainda não se verifica.

Pode haver muitas capitais de países africanos com mais médicos e com melhores hospitais que nós, mas o que nós fazemos em todas as regiões e em todos os sectores da nossa terra, os esforços que estamos a fazer neste sentido, posso afirmar que aqueles países da África que avançaram muito, estão como nós, mas que são muito poucos os países africanos que nos ultrapassaram nos esforços que fazemos no campo da medicina.

Criamos hospitais de sectores e de regiões já com salas de operações e onde se fazem operações, e com a ajuda dos países amigos, conseguimos pôr médicos operadores em muitas regiões. Neste momento, já estamos a construir cinco hospitais de sector e dezasseis postos sanitários com a ajuda de Alto Comissário das Nações Unidas para os refugiados. Tivemos uma grande ajuda de vários países no problema de medicamentos, particularmente a ajuda importante da Suécia no domínio de importação de medicamentos. Com a ajuda deste país, ainda vamos construir mais três hospitais, de sector, vamos construir dispensários com a ajuda de vários países e com os nossos próprios meios, já construímos o hospital de Gabú, já melhorámos o hospital de Bafatá, de Canchungo, de Bolama. Com os nossos próprios meios vamos fazer tudo isso, o que demonstra um grande esforço, mas um esforço que achamos fundamental porque a nossa terra só poderá marchar para a frente se de facto o nosso povo tiver saúde porque, como disse o camarada Cabral, a saúde é a única riqueza que temos na nossa terra e que temos que defender.

Tudo isso é uma coisa maravilhosa, mas temos dificuldades com o pessoal de saúde, porque muitas pessoas não estão a demonstrar aquela necessidade que é preciso para uma pessoa que tem que tratar de um doente. Há enfermeiros que não têm paciência com os doentes, um doente está no hospital e o enfermeiro nem lhe liga, enquanto as serventes se põem a pentear os cabelos. Enfermeiros que se sentam nas varandas do hospital a escutar a rádio, enquanto os doentes se encontram mal. Meninos doentes que costumam ficar sujos em cima da cama, que fazem as necessidades na cama sem que haja um enfermeiro capaz de os limpar e muitas vezes as famílias vão encontrá-los todos sujos na cama. Enfermeiros que deixam os serventes porem a comida em cima da mesa de cabeceira do doente e que nem se preocupam com o facto de o doente poder ou não comer sozinho. Enfermeiros que não têm aquele brio de manter a sua enfermaria limpa, de andarem com as suas roupas limpas e de fazer tudo com disciplina, dentro do seu trabalho.

Temos ainda grandes dificuldades com o pessoal de saúde em muitos locais, grandes dificulda-

Queremos ver os antigos combatentes participar na nossa obra de Reconstrução Nacional

des com aqueles indivíduos que não querem sair de Bissau, que já têm anos e anos dentro do hospital de Bissau mas que não querem dar oportunidade aos seus colegas e companheiros que passaram anos e anos no mato para virem também para Bissau, para trabalhar num hospital grande e para poderem aprender mais, mas que querem continuar aqui em Bissau e que não admitem a possibilidade de saírem para irem conhecer o nosso povo em todos os lados da nossa terra, para verificarem os trabalhos que fizemos durante a nossa luta. Tudo isso são as dificuldades com que nos batemos, dificuldades de direcção de um hospital grande que não temos experiência de dirigir e muitas vezes mesmo, o camarada que está à sua frente tem dificuldades em dirigir esses hospitais, o que vem criar muita confusão. Dificuldades muitas vezes, até de cooperação entre muitos técnicos que ali trabalham, porque nós sabemos que nos nossos hospitais os médicos que lá temos são muito poucos. Aqueles que temos, quase todos na luta é que os formamos e não chegam talvez a dez. Só poderemos ter uma assistência sanitária na nossa terra com ajuda internacional e os hospitais funcionam com a ajuda internacional, com médicos amigos vindos de Cuba, da União Soviética, da Jugoslávia e de vários outros países como Portugal, médicos de Palestina e de outros lados que aqui estão a ajudar-nos defendermos a saúde do nosso povo.

Tudo isso é maravilhoso, de facto, mas há uma certa dificuldade de entendimento até entre esses indivíduos vindos de diferentes países que muitas vezes não conseguem criar aquele espírito de colaboração que é necessário para que o trabalho possa avançar como deve ser.

Mas estamos convencidos que tudo isso vai ser melhorado, pouco a pouco, com o trabalho dos camaradas e com o esforço da direcção que ali se encontra. Vamos melhorar cada dia mais aquela coisa maravilhosa e tão bela que é a cooperação internacional que existe na nossa terra, dos camaradas vindos de países diferentes e de continentes diferentes mas que nós aqui consideramos todos como amigos que estão juntamente connosco, na mesma frente de luta contra a miséria, contra a desgraça, contra a doença e contra o subdesenvolvimento que herdamos dos cinco séculos de presença colonial.

JUVENTUDE E DESPORTOS

Temos também um problema que nos interessa bastante, que é o problema de Juventude e Desportos, não só do interesse dos jovens nas sim do interesse geral. Sabemos que os camaradas têm feito algum esforço neste sentido e que os nossos clubes, após a nossa independência, entraram novamente no mundo, numa altura em que o nosso país estava completamente isolado do resto do mundo. Hoje, voltamos a entrar no mundo, portanto, as nossas responsabilidades são muito maiores, e temos que encarar as coisas com muito mais seriedade porque por mais que um indivíduo tenha um espírito desportista, quando perde o seu clube, fica triste.

Temos o problema de instalações porque o nosso estádio aqui não serve para nada com a bancada-

zinha que tem. Temos tido grandes discussões, porque muitos camaradas não concordam que comecemos os trabalhos de melhoramento daquele estádio porque alegam que teremos depois que fazer um novo estádio, mais bonito e muito maior, fora do centro da cidade. Mas eu quero dizer-lhes que não vejo a possibilidade de fazermos esse novo estádio, porque ainda temos muito que fazer antes de fazermos o estádio e que, portanto, devemos começar a melhorar o nosso estádio a pouco e pouco, mesmo se depois, mais tarde, viermos a fazer um outro estádio. Então, poderemos destruir este outro. Mas podemos fazer um estádio com tão pouca bancada e com tanta gente interessada em ver o futebol. Temos que melhorar também os estádios do interior. Os comités de regiões têm que fazer esforço neste sentido e, se for necessário, terão que criar um espírito de trabalho voluntário, fazendo «abotas» para esse fim, para criar estádios como deve ser em todas as regiões e onde possam ser praticadas todas as modalidades do desporto. Isso é um desafio que as regiões devem fazer para verem qual é que o vai conseguir fazer, porque é possível fazer muitas coisas com iniciativas locais e com a participação dos povos daquela área.

Por exemplo, nestes dias nós todos estamos com as cabeças baixas, com a perda do Balantas no Senegal e aqui mesmo em Bissau, estamos um bocadinho tristes, embora estimessemos muito os nossos irmãos senegaleses, mas se tivéssemos ganho pelo menos uma partida ficávamos mais contentes...

Por isso, acho que devemos continuar a dedicar todo o interesse no domínio do desporto para podermos marcar a nossa presença no plano internacional com todo aquele valor que é necessário para um indivíduo poder também ganhar, de vez em quando...

Os nossos amigos romenos, particularmente o nosso camarada Ceausescu, prometeu-me pessoalmente que nos vai enviar brevemente um treinador para a nossa selecção nacional. Acho que com a presença daquele treinador, vamos melhorar o nível do nosso futebol e vamos ser capazes de entrar em competições com um nível um bocadinho melhor.

Mas, claro, o nosso futebol é muito melhor do que fizemos em Dakar ou aqui mesmo. Também sabemos que o clube dos Balantas ganhou o ano passado o campeonato mas que os clubes de Bissau tiraram-lhe todos os melhores jogadores que tinha. Isso não pode ser e eu apoio todos os camaradas que estão em qualquer clube fora de Bissau, para que qualquer bom jogador que ali apareça permaneça lá, porque assim corremos o risco de vir a ter um clube campeão que quando for altura de jogar no quadro da Taça dos Campeões de África, está desfalcado, porque os melhores jogadores foram retirados para virem jogar a Bissau noutros clubes.

Portanto temos que pensar em garantir a esses camaradas as condições necessárias para ficarem dentro da sua região, dentro do seu clube, para poder reforçar o seu clube e para que o futebol possa desenvolver-se igualmente em toda a totalidade do nosso país, da mesma maneira.

Mas, os camaradas da Juventude

têm que criar também o interesse por outros desportos, não é só o futebol. Na nossa terra o maior de todos é o futebol, mas temos que ter outros desportos bastante bonitos.

Não é porque eu jogava «volei», no tempo em que eu era desportista e pertencia à selecção nacional de «volei» é que estou a fazer a propaganda desta modalidade. Mas o «volei» também é um bom desporto que os camaradas devem procurar a maneira de o desenvolver em todas as regiões para fazer competições. E o basquete, que também é um desporto bastante belo, que homens e mulheres poderão praticar com bastante beleza, se tiverem preparação física e tiverem um nível sério. É uma coisa bonita o «ping-pong» e vários outros desportos, como por exemplo, o ténis e mesmo o hóquei em patins, que havia antigamente aqui em Bissau. Não devemos ter complexos de afirmar que o hóquei em patins, foram os colonialistas que o trouxeram ao nosso país, pois foram os mesmos colonialistas que trouxeram também as outras modalidades. De maneira que devemos pegar o hóquei em patins e desenvolvê-lo, porque é uma coisa bastante bela também. Vamos tentar criar vários ramos de desporto, a fim dos nossos jovens poderem praticar o desporto e poderem desenvolver-se física e moralmente também de uma maneira bastante sã e para poderem entrar em todas as competições africanas e internacionais, em todos os ramos. E também no atletismo, que nós temos alguns camaradas amigos que estão aqui para nos ajudar nos problemas de atletismo e ginástica rítmica, que vamos apresentar no vigésimo aniversário do nosso Partido.

Acho que além do desporto, temos que desenvolver outros aspectos de cultura. Temos que desenvolver as nossas actividades. Começámos com uma escola de teatro aqui no Liceu, mas não deu grande resultado porque a pessoa que pusémos à frente disso não correspondeu àquela confiança que nós depositámos nela mas temos estado a procurar novos professores de teatro que, segundo consta, devem chegar brevemente a fim de retomarem aquela actividade no sentido de desenvolver o nosso teatro nacional a sério, paralelamente a todo aquele teatro popular que devemos fazer nas regiões, nos sectores e nas escolas, teatros em que devemos procurar a maneira de mostrar episódios da nossa luta, de cantar a nossa luta e, através das cantigas ali apresentadas, viver épocas gloriosas do nosso combate, os nomes dos heróis da nossa luta. Nós devemos fazer isso, porque a partir de várias iniciativas no teatro popular, podem vir a surgir elementos que têm de facto queda para adquirir conhecimentos através de estágios e de contactos com outros países. Vamos criar o teatro bom que nós queremos dentro da nossa terra!

Há outros camaradas que tiveram a iniciativa de criar, elementos das Forças Armadas em Gabú, grupos teatrais a que têm dado algum apoio mas, que é preciso dar-lhe o máximo de apoio porque queremos fazer do nosso teatro, da nossa arte popular e da

nossa cultura popular, uma coisa bela que podemos mostrar na nossa terra e em toda a parte e fazer uma coisa bela, efectuar concursos entre as diversas regiões, realizar festivais de cultura todos os anos. Talvez este ano se realize um no mês de Setembro, para comemorar o 20.º aniversário do nosso Partido.

Devemos entrar nas competições africanas e internacionais da juventude e cultura. A questão da música é muito interessante. Devíamos juntar os conjuntos de Bissau mas, infelizmente não vemos colaboração entre eles, no sentido de fazerem um esforço comum para melhorarem o nível da nossa música. Até conseguir isso, vai ser preciso um grande trabalho político.

ADMINISTRAÇÃO INTERNA

A Administração Interna tem a seu cargo a coordenação da nossa administração através do País. Sabemos que os camaradas que se encontram à frente da administração das regiões são inexperientes. É um trabalho novo para eles. Mas o camarada Rui Barreto, como comissário tem bastante experiência administrativa. A sua presença vai ajudar os camaradas a melhorarem os seus conhecimentos no plano administrativo. Chamo a atenção dos camaradas para o facto de ser necessário estudar cada vez melhor os problemas da sua região, até os conhecer profundamente para assim, poder dar uma contribuição ao povo. Queremos descentralizar a nossa autonomia. Mas, para tal, é necessário que os camaradas tenham um conhecimento profundo dos problemas da sua região, dos objectivos e do programa do nosso Governo, do plano do Governo traçado para cada região.

É possível que alguns camaradas tenham cometido erros, mas temos a certeza que não são graves. Temos admirado o grande esforço que os camaradas têm feito nas várias regiões, para avançarem com certos projectos a fim de fazerem avançar as regiões.

Por absoluta falta de espaço, publicaremos a parte do discurso do camarada Presidente referente à «Justiça e População» no próximo número.

AS FARP ESTÃO CADA VEZ MAIS FORTES

Quanto à Segurança Nacional e Ordem Pública, sabemos que esses camaradas têm tido um trabalho árduo desde que cá chegámos. É um trabalho novo para eles, num meio também novo e com problemas complexos, pois alguns dos nossos compatriotas não estavam satisfeitos com a nossa independência e manti-

(Continua na página 9)

da Assembleia Nacional Popular

À ASSEMBLEIA:

(Continuação da página 8)

nham a esperança de que os seus patrões os ajudassem a lutar contra nós. Mas esses inimigos do nosso povo foram descobertos e neutralizados pelos camaradas da Segurança, que merecem ser louvados. Sabemos que os nossos inimigos planearam um «complot» contra o nosso Estado, mas foram descobertos pela Segurança, evitando-se, assim mais um sacrifício ao nosso povo e aos nossos combatentes, na defesa da nossa independência, da nossa soberania e da nossa liberdade.

Os nossos inimigos estão mal, pois cada vez nos encontramos mais fortes. Se os nossos inimigos querem fazer algo contra nós, o melhor é fazerem-no o mais rapidamente possível, pois cada ano nos fortificamos mais e mais experiência adquirem os nossos serviços de Segurança.

Beneficiamos de uma colaboração eficaz dos serviços de Segurança dos países vizinhos, o que é muito importante, pois achamos que a nossa Segurança está ligada à deles. A consolidação da nossa independência está também a servir a consolidação da dos países fronteiriços. Os nossos inimigos pensavam que podiam utilizar o território da República irmã do Senegal para nos atacarem. Por isso se foram concentrar ali. Mas a acção do Governo senegalês conseguiu neutralizá-los totalmente. Isso representa uma grande vitória para nós, que nos permite consolidar os laços de cooperação e de confiança, que desejamos desenvolver profundamente com os países vizinhos. Apesar das dificuldades, os camaradas da Segurança têm sabido cumprir cabalmente o seu papel. A nossa terra é pequena e quase não tem policiamento nas ruas, mas os camaradas têm feito tudo quanto é possível para garantir a segurança.

Penso que todos os bons filhos da nossa terra, todos os militantes conscientes do nosso Partido e todos os cidadãos da nossa terra devem louvá-los e orgulhar-se deles, pois dedicam as suas vidas a garantir a segurança indispensável para construir na nossa terra uma vida de paz e de felicidade para todos os seus filhos. Todos nós somos segurança, e temos que estar ao lado daqueles camaradas para descobrirmos os nossos inimigos, em qualquer parte onde estivermos, aquelas pessoas que querem desfazer a nossa independência, a nossa liberdade e o nosso Partido. Mas temos a certeza que seremos nós a destruí-los. Hoje não podemos de maneira nenhuma ter medo das pessoas que serviram os tугas durante a luta de libertação nacional, no seu exército, que continua mais de 30 mil soldados. Mas mesmo assim foram batidos no campo de batalha e enviados para campos fortificados dos centros urbanos, e nós avançamos com a nossa luta, até à libertação da nossa terra. Tenho a certeza que, se entrarem na

Na ONU defendemos alguns princípios sagrados do nosso Partido

nossa terra, serão completamente destruídos. Talvez possam cometer o crime de matar algum dirigente do nosso Partido, mas destruir o PAIGC, camaradas, isso não conseguem. Pelo contrário, serão esmagados como quem esmaga minhocas contra a pedra. Assim fará o PAIGC aos seus inimigos.

Faremos isso, porque as nossas FARP estão cada vez mais bem preparadas, mais fortes. Hoje estão mais fortes do que o ano passado, e para o ano estarão mais fortes do que este ano. As nossas Forças Armadas tem duas funções: primeiro, constituem uma força política grande, pois incluem os melhores militantes do Partido, aquelas pessoas que conquistaram com as armas na mão, à custa dos maiores sacrifícios, a nossa independência nacional e que hoje, seja qual for o sacrifício necessário, estão prontos a defender a independência, ao serviço do nosso povo. Os camaradas das Forças Armadas possuem um elevado nível de consciência. Durante este ano e meio de independência, em que passámos dificuldades enormes, houve camaradas que estiveram meses sem receber vencimentos. Soube há dias que um camarada de Bambadinca esteve nove meses sem receber nem um peso, mas que todos os dias se encontra de arma na mão, vigilante, com a certeza de que o nosso Estado é dele de que a promessa do nosso Estado será cumprida. Este camarada demonstrou possuir uma consciência elevada, ao suportar estas dificuldades sem uma única reclamação, mantendo-se sempre no seu posto de trabalho. Neste ano e meio de independência, demonstrámos a nossa coragem e a nossa razão, ao avançarmos com o nosso trabalho. A consciência é a maior força que temos depois da libertação da nossa terra, pelas armas.

Somos um povo pobre, não temos dinheiro para comprar armas para a nossa defesa. Nada encontramos na nossa terra: a mancarra e o arroz que temos este ano foram lavrados depois da nossa chegada aqui. Nada encontramos, a não ser carros velhos e máquinas velhas. Não tínhamos dinheiro para comprar armas para a luta de libertação, mas a solidariedade internacional — dos povos do mundo que querem a liberdade dos outros povos — ajudou-nos bastante. A propósito, queremos realçar o nosso reconhecimento à União Soviética, pela ajuda que nos tem dado e que nos levou à independência ontem e a assegura hoje. É uma ajuda sem nenhuma condições, igual à que deu ao povo do Vietname, de Angola, de Moçambique e a tantos outros povos que lutam pela sua independência e liberdade, com

o objectivo de reforçar, assim, a libertação dos povos, graças à solidariedade internacional, que é um princípio que orienta os partidos e Governos dos países socialistas.

Os camaradas das Forças Armadas tem que aproveitar a nossa independência para aumentar os seus conhecimentos, pois o exército de guerrilha tem grande responsabilidade, como um exército regular de um Estado soberano e independente. Têm que ter possibilidades de aumentar os seus conhecimentos técnicos, em viagens ao estrangeiro, ou com estágios, a fim de obterem conhecimentos gerais, culturais e, sobretudo, militares. O camarada não pode ficar satisfeito só porque já tem altas funções nas Forças Armadas. Ser general é ter orgulho em ter sido capaz de servir a sua terra e o seu povo. Mas, como general da sua terra e do seu povo, tem o dever de aumentar os seus conhecimentos dia a dia, de estudar cada dia mais, para estar à altura das grandes responsabilidades que lhe são confiadas.

Na verdade, os camaradas têm feito grande esforço para a alfabetização das Forças Armadas e grande número de entre eles já foi atingido por essa campanha. Devem continuar esse esforço, porque é necessário. Enquanto quadros, têm que melhorar os seus conhecimentos. Aliás, poderão vir técnicos estrangeiros para os ensinar a utilizar certas armas. Mas virão para depois regressarem. Somos nós quem tem de assegurar a nossa independência e a nossa soberania.

OS DIREITOS DOS COMBATENTES

Sabemos quantos problemas nos coloca a desmobilização dos combatentes. Já desmobilizámos um grande número de combatentes, particularmente aqueles que entraram depois do 25 de Abril de 1974. Os camaradas sabem que não temos força económica para sustentar um grande exército. Um exército tem que vestir, calçar, comer, dispor de carros, gastar gasolina e tudo isso acarreta uma grande despesa para o Estado. O nosso país não dispõe de condições para isso. Temos que ter em conta que continuamos a desmobilizar militares desde que a situação da nossa terra o permita. Mas queremos dar-lhes uma garantia: a de que, quando desmobilizarmos qualquer combatente das fileiras das Forças Armadas, o nosso Governo tem que ser capaz de assegurar-lhe uma vida melhor do que àqueles que estão no Exército. Tem de organizar-lhes a vida na agricultura ou noutro ramo da produção, com meios, com fundos de financiamento para poder recomeçar a construir

a sua vida, a um nível melhor do que aquele em que se encontra hoje. Achamos que um combatente que lutou durante todo o tempo que durou a luta de libertação nacional tem direitos que não lhe podem ser negados. Vamos efectuar a desmobilização pouco a pouco, conforme surgirem camaradas interessados em regressar às suas tabancas, a fim de podermos aproveitar aquelas forças políticas que são as Forças Armadas, para as projectarmos no seio das populações, como elementos motores do seu progresso em todas as áreas da nossa terra.

Dentro da desmobilização que está a ser levada a cabo, no apuramento de pensões e salários, pode ocorrer uma ou outra injustiça. Isso é natural, dado que há milhares de pessoas, que chegam do Norte, do Leste e do Sul. Mas qualquer camarada, onde quer que se encontre, que for vítima de alguma injustiça, deve declarar essa injustiça, para que o caso seja estudado, de maneira a corrigi-la.

Em cada dia temos que dar mais dignidade e mais glória às nossas Forças Armadas. Mesmo até agora, depois da independência, as nossas FARP continuaram a exercer a sua acção nas fronteiras. Para nós, as Forças Armadas são a coisa mais bonita que temos na luta. Portanto, pedimos aos camaradas oficiais e responsáveis das FARP e combatentes das Forças Armadas que elevem sempre a sua vida até àquele nível que desejámos dar-lhes, em todos os aspectos do seu comportamento pessoal. Não podemos ficar de modo nenhum contentes se um combatente tiver mau comportamento na rua, no campo ou no cinema. Não é digno da farda que usa como obreiro da nossa independência. Um oficial das Forças Armadas deve ser o primeiro, como militante exemplar do nosso Partido, como defensor intransigente dos princípios do nosso Partido. Mas deve também ser um cidadão exemplar na nossa terra, para que, em cada lugar onde se encontrar, cada gesto e cada palavra sua sirva de exemplo a todos os outros cidadãos da nossa terra.

Passemos agora ao problema dos antigos combatentes — aqueles homens que não estão agora nas Forças Armadas, mas que lutaram pela nossa independência. Resolveremos os seus problemas a pouco e pouco. O Comissariado dos Antigos Combatentes está a estudar este problema, apesar de todas as dificuldades, para que possamos garantir a todos os camaradas aquele mínimo de condições necessárias. Pedimos a todos que tenham paciência. Iremos resolver todos esses problemas, que são de primeiro plano. Mas que-

remos deixar claro que não queremos resolver com o asilo, onde os camaradas têm lares, roupa e comida. Não queremos ver os nossos antigos combatentes em asilos. Queremos vê-los organizar as suas vidas mediante as suas possibilidades e meios de trabalho que possam executar, participando na nossa obra de reconstrução nacional. Esse é o nosso objectivo e vamos alcançá-lo pouco a pouco. Muitas fábricas vão ser abertas. Vai ser criada uma companhia de transportes, assim como cooperativas agrícolas. Com tudo isso, procuraremos organizar a vida dos nossos antigos combatentes, como elementos activos que participam na sua reconstrução nacional, assim como outrora deram uma parte do seu corpo para a nossa independência. Pedimos aos camaradas que tenham confiança em nós, porque vamos tratar de tudo isso.

RELAÇÕES COM TODOS OS POVOS

É certo que uma terra vive dos seus recursos internos. Mas temos que ter em conta que essa terra está inserido no mundo. Consequentemente, temos que ter uma vida dinâmica no mundo, uma vida que não pare. Segundo a linha do nosso Partido e do nosso Governo, procuramos ter relações com todos os povos do mundo. Sabemos que podemos contar com a ajuda dos países nossos amigos durante a luta de libertação nacional. O nosso reconhecimento a esses amigos fiéis da primeira hora é eterna. Mas, graças ao nosso trabalho, conseguimos criar simpatias e grangear amigos em todo o mundo, que mostram respeito e solidariedade internacional para com o nosso povo. A solidariedade de que precisamos para avançar: ela é indispensável para sairmos desta situação de miséria e de subdesenvolvimento que o tuga nos deixou.

Nós não interferimos nos assuntos internos de nenhum país. Não vamos fazer a revolução na terra dos outros. Fazemos a luta dentro da nossa terra, de acordo com o Programa do nosso Partido. Respeitamos a todos, desde que façam a vida na sua terra de acordo com a vontade do seu povo. Procuramos criar melhores relações com todos os países, particularmente os do Continente Africano.

O mundo é complexo, nas opções e conflitos entre os países. Mas nós fazemos parte desse mundo, e devemos reconhecer a beleza da sua diversidade. Faremos na nossa terra aquilo que é bom para a nossa terra. Aquilo que está de acordo com os princípios do nosso Partido e com

(Continua na Pág. 10)



(Continuação da pág. 9)

as palavras do camarada Cabral. Não vamos fazer aquilo que os outros fizeram na sua terra, desde que não se adapte às nossas realidades.

Temos encontrado grandes simpatias por parte de novos países com quem estabelecemos relações depois da nossa independência. Com eles queremos sinceramente, desenvolver a cooperação e a amizade, baseados no respeito, simpatia e desejo de cooperação connosco.

Desde que alcançámos a independência total, temos procurado ser uma presença activa no seio da O.U.A., no desejo de a consolidarmos, de fazermos com que cumpra o seu objectivo — a realização da unidade africana. Isso não quer dizer que vamos indicar aos outros Estados aquilo que devem fazer. Mas também não vamos fazer, no seio da O.U.A. uma política diferente daquela que o nosso Partido defende. Na O.U.A., defendemos alguns princípios sagrados do Partido: o princípio de que cada povo tem o direito de decidir da sua vida, o direito de qualquer povo africano a decidir do seu próprio destino. Este princípio, defendemo-lo em Kampala, em Addis Abeba e em todos os locais onde estivémos. Essa é a nossa acção no seio da O.U.A., da O.N.U. e noutros locais. Para nós, do PAIGC, a primeira coisa a fazer para outros coerentes, é apoiarmos outros movimentos de libertação ainda em luta.

Portanto, a nossa presença naquela organização tem de constituir um reforço daqueles que lutam para uma verdadeira libertação da África, para acabar com todas as dominações de minorias sobre as populações: aqueles que lutam por uma África livre, independente e unida no caminho do progresso ao serviço da humanidade.

QUE O POVO SAIBA TUDO O QUE SE PASSA

Todos estes aspectos acarrecam uma responsabilidade especial aos nossos serviços de Informação.

A Informação não se destina apenas a relatar o que se passa. Tem que nos ajudar também

a formar a nossa gente, a nossa juventude, o nosso povo em geral. Tanto a Rádio como o Jornal estão em contacto todos os dias com grande parte das nossas populações. Isto deve pesar cada dia em cada programa. Sabemos que os camaradas do Commissariado da Informação — do «Nô Pintcha» e da Rádio — têm feito um esforço sobrehumano, trabalhando dia e noite. Louvamo-los por isso. Hoje temos orgulho nos programas da rádio e no trabalho do jornal e da agência. Mas queremos atribuir em cada dia maiores responsabilidades a esses camaradas: Primeiro, queremos que o povo saiba tudo o que se passa na nossa terra, em qualquer parte onde se encontre, e também que saiba tudo o que se passa no mundo. Queremos que o nosso povo esteja integrado na vida da Humanidade. Para que surja aquele militante novo, cada dia mais avançado, que pretendemos formar, para a realização integral dos princípios do nosso Partido e do sonho, da mensagem que o camarada Amílcar Cabral nos deixou.

Chegámos ao fim desta longa conversa com os camaradas deputados, destinada a dar-lhes uma ideia da vida do nosso povo da nossa terra. Esta reunião é mais uma vitória para nós. Esta é a última sessão desta Assembleia, pois vamos eleger nova Assembleia. O que não significa que, se o povo quer que um deputado continue, ele tenha de sair.

Nesta reunião que começou hoje, vamos discutir muita coisa que a primeira legislatura da Assembleia tem a obrigação de saber antes da nova legislatura. É certo que esta assembleia já fez grandes coisas, mas ainda terá de fazer mais para cumprir a sua missão.

Procuramos merecer a confiança que a primeira Assembleia em nós depositou ao escolher-nos, juntamente com outros camaradas, para a Presidência do Conselho de Estado. Dentro da linha do Partido, todos os membros escolhidos assumiram espírito de responsabilidade. Procurámos criar um Governo em que, quando alguém pretende dar um passo para a frente ou para trás, não tenha que perguntar ao Presidente por que motivo o vai fa-

CAMARADA LUIZ CABRAL À ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR

"Que cada militante, cada dirigente do nosso Partido esteja em cada momento a agir em benefício do nosso povo"

zer. Trabalhámos para criar um Governo em que cada homem é responsável da nossa terra, podendo vir, até, a ser presidente, porque é uma pessoa com espírito de iniciativa, dentro da linha de orientação que o Estado lhe dá.

Depois deste tempo todo, tenho o prazer de dizer aos camaradas que conseguimos esse objectivo. Os membros do Conselho de Estado têm procurado cumprir o seu dever com honestidade e aprender cada dia mais. Temos uma equipa que, no seu conjunto, é capaz de realizar o programa do nosso Partido.

Era isto o que queria dizer aos camaradas. Agora, temos novas direcções para trilhar. Procuraremos cumprir os nossos deveres durante este tempo. Ficaremos contentes quando amanhã um deputado se levantar para nos criticar por algo mal que fizémos, de modo a podermos corrigir esse erro. Queremos reforçar o espírito de direcção colectiva entre nós. Quando se iniciarem os trabalhos da Assembleia, digam aquilo que pensam, dêem ideias e aprovem as leis com ampla discussão, para que ninguém tenha medo de dizer que está contra esta ou aquela lei. Para aumentarmos a democracia entre nós, de modo a eliminarmos os inimigos da nossa revolução e da nossa luta; criarmos uma democracia, tanto no seio das instituições do nosso Partido como no seio das instituições do nosso Estado.

Discutiremos aqui uma importante lei: a lei da nacionalidade. A Assembleia vai dizer quem é ou não filho da Guiné. Terão toda a liberdade para analisar e discutir a proposta que fizémos. Achámos que o primeiro direito que o homem adquire na vida é o direito de ser filho da terra onde nasceu.

Aprovaremos uma lei das eleições. Antes de realizarmos as eleições, a Assembleia discutirá como vão decorrer. Teremos de escolher também o grupo de pessoas que vai fazer parte do Conselho da União, para estudar o caminho a seguir na realização da unidade da Guiné-Cabo Verde.

Estou contente com a presença de todos os deputados na nossa capital. Isso não quer dizer que as eleições devam realizar-se sempre em Bissau.

PERSPECTIVAS DE RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS COM PORTUGAL

O nosso Estado vai bem. Te-

mos dificuldades, mas saberemos ultrapassá-las. Tivémos dificuldades nas negociações com Portugal, pois estas duraram ano e meio e não conseguimos chegar a acordo. Então, resolvemos tomar o nosso Banco e criar a nossa moeda. Entretanto, Portugal decidiu congelar todo o dinheiro que temos naquele país, dinheiro a que temos direito, que conquistámos de armas na mão. O Governo português, ao tomar essa medida, procedeu contra os interesses do nosso povo. Mas nós não nos zangámos. Vamos esperar que Portugal resolva os seus problemas internos, para depois vermos as possibilidades de nos sentarmos novamente à mesa das negociações para debatermos o problema. Porque nós começamos a abordar esse problema por determinado caminho, e por esse caminho continuaremos. O nosso caminho depende exclusivamente de nós, do PAIGC, da nossa militância, da nossa consciência e da nossa identificação cada vez mais profunda com os interesses do povo.

Que cada militante, cada dirigente do nosso Partido esteja em cada momento a agir em benefício do nosso povo. Para combatermos no seio do nosso Partido todas as ambições pessoais. Para que sejamos e continuemos a ser, de combatentes da liberdade que fomos ontem, combatentes do progresso do nosso povo, hoje, unidos nos mesmos ideais. Para que cumpramos a lei emanada da Assembleia, segundo a qual nenhum elemento do Estado pode exercer qualquer actividade lucrativa. Nem ele, nem a sua mulher, nem ninguém da sua família. Só assim poderemos ser verdadeiros servidores do nosso povo e defender intransigentemente os seus interesses. Porque, se começarmos a ter interesses pessoais, nunca mais podemos defender os interesses do nosso povo, camaradas. Temos que levantar o nosso povo, camaradas. Temos que acabar com a miséria. Mas acabar com a miséria não significa que um indivíduo responsável, ganhando bem, ainda queira multiplicar o seu dinheiro quando, pelo contrário, o povo não tem nada. Quando os nossos deputados nem casas têm para morar... Qual de nós, com uma casa e um bom vencimento mensal, pensa já em construir uma casa própria, comprar um carro ou adquirir uma «ponta»? Acho que a Assembleia Nacional Po-

pular deve tomar uma decisão firme quanto a este problema. Essas coisas podem enfraquecer-nos.

Digo-vos francamente que estou convencido de que o nosso problema com Portugal vai ficar resolvido. Tenho confiança em muitas pessoas que estão em Portugal. Somos um país jovem e cheio de perspectivas de futuro. Além das responsabilidades que Portugal, após quinhentos anos de dominação na nossa terra, tem para connosco. Poderemos ter relações de cooperação com Portugal, que interessem ao Governo e ao povo português, com quem temos laços seculares de cultura e de amizade, que queremos preservar e desenvolver mais ainda. Portanto, se Portugal congelasse todos os nossos bens lá existentes, nós também teríamos de ficar com o que aqui está de Portugal. Não havia outra alternativa. Isso não nos faria absolutamente nada. Mas, na Direcção do nosso Partido, temos que ser fiéis a nós próprios, fiéis uns aos outros, aos nossos mortos, aos nossos heróis, fiéis à memória do camarada Amílcar Cabral.

Já prevíamos a tomada destas medidas por Portugal. Por isso, resolvemos também tomar as nossas medidas, para garantirmos a nossa vida: de contrário, ficaríamos sufocados.

A nossa produção de mancarra e de arroz foi boa, e vamos continuar nesse caminho neste ano de 1976, em que vamos trazer para cá os restos mortais do camarada Cabral.

No mês de Setembro deste ano, reunirá a nova Assembleia, para eleger o Conselho de Estado e o Presidente do Conselho de Estado. Toda a gente poderá votar livremente naquele que desejar, colocar à frente, exactamente no momento em que festejamos o 20.º aniversário do nosso Partido. Festejemos esse dia com toda a grandiosidade, em todos os pontos da nossa terra, como uma forma de homenagem ao camarada Cabral, fundador e militante número 1 do Partido, e para mostrar aos nossos amigos estrangeiros que convidamos para assistir à inauguração do mausoléu onde será guardado o corpo de Amílcar Cabral. Porque foi o PAIGC que fez tudo; a ele se deve a possibilidade de hoje construirmos todas aquelas coisas maravilhosas que queremos edificar na Guiné e em Cabo Verde, hoje completamente independentes.

Viva o P.A.I.G.C.!
Viva a Assembleia Nacional Popular!

Medalha Joliot-Curie para Agostinho Neto

LISBOA (ANOP) — O Presidente da República Popular de Angola e do MPLA, Agostinho Neto, recebeu a mais alta distinção do Conselho Mundial da Paz, medalha Joliot-Curie, símbolo da solidariedade mundial.

A entrega da medalha será feita no próximo dia 27 (hoje) em Luanda, durante uma sessão pública em que estará presente uma delegação de alto nível constituída pelo Secretário-Geral, Romesh Chandra, Raymond Goor «da Bélgica», Vital Balla Presidente da Associação de Amizade entre os povos «da República Popular do Congo», Damantang, Presidente da Assembleia Nacional da Guiné-Conakry, Sada Quasim Hamoudi Presidente da Associação Iraquiana de Jornalistas, Dr. Dadoo, Presidente do Conselho Revolucionário da África do Sul e ainda representantes da Argentina, Cuba, Equador, Finlândia, Guiné-Bissau, Hungria, Itália, Polónia e RDA.

Segundo o comunicado do Secretariado do Conselho Português para a Paz «para além do reconhecimento do papel desempenhado pelo actual Presidente da RPA na luta contra o colonialismo e pela paz» representa ainda «o testemunho da solidariedade das forças da paz mundiais para com o MPLA e o combate do povo angolano, pela sua libertação e consolidação da independência nacional».

Portugal-Eleições de 25 de Abril

Os partidos Comunista e Socialista detêm a maioria dos lugares na próxima Assembleia Legislativa

(Continuação da 1.ª pág.)

vicção de que na nova etapa, que agora começa, iremos reforçar os nossos esforços comuns com vista a liquidação definitiva das sequelas do passado colonial e ao reforço das relações entre os países e povos no interesse da salvaguarda da herança cultural que nos ficou de uma longa história comum e do desenvolvimento de uma cooperação frutuosa que sirva o progresso das nossas pátrias e da humanidade.

LISBOA (AFP) — O conjunto dos jornais da tarde, de Lisboa, fez ontem as suas manchetes sobre a vitória do Partido Socialista nas eleições legislativas. «O PS à cabeça», tinha como título a «Capital», «Vitória do PS-Reforço da democracia», escrevia o «A Luta». O «Jornal Novo» titulava, «Vitória da Democracia», tendo as fotos de Mário Soares, Sá Carneiro e Freitas do Amaral, os «leaders» do Partido Socialista, Partido Popular Democrático (PPD) e Partido do Centro Democrático (CDS). O «Diário de Lisboa», tinha co-

mo título: «Maioria de esquerda» — era o tema da campanha eleitoral do PC, acrescentando duas fotos: uma mostrando Mário Soares e a sua mulher, a actriz Maria Barroso, saindo do seu local de voto, e outra mostrando Álvaro Cunhal numa fila de eleitores, aguardando a sua vez de votar.

LISBOA — O exército do poder e as responsabilidades de primeiro plano que assumiu ao longo dos dois anos da Revolução não fizeram ceder as posições da esquerda. Tal é a primeira conclusão que os observadores tiram dos resultados ainda parciais das eleições legislativas de 25 de Abril.

Precisa com efeito contar com o Partido Comunista, que, se a tendência se mantiver até ao fim da contagem, sairá reforçado das eleições.

O Partido Socialista não poderá mais ignorar o peso do PPD que, apesar de uma certa quebra, continua a ser o segundo partido político português. Esta formação conserva o seu eleitorado fiel nas classes médias e entre os pequenos agricultores do norte e do centro.

O problema que se põem é portanto, de saber se o Partido Socialista poderá ou não governar sozinho e no segundo caso, escolherá adicionar os seus votos com os dos PPD para uma maioria do centro-esquerda ou com o PC para uma maioria da esquerda.

Mário Soares declarou na noite do passado domingo em Lisboa que se «um agravamento da situação que exigisse a formação de um governo de salvação nacional

viesses a acontecer, o Partido Socialista não poderá recusar-se a participar».

O Secretário-Geral do PS português, sublinhou no entanto que a vida política portuguesa se consolidou e que «a época dos governos de coligação tinha passado».

Agora é preciso um governo homogéneo», afirmou.

A viragem à direita que alguns pensavam ser inevitável devido às dificuldades sociais e económicas cada dia mais graves com que se defronta o país não se verificou nos resultados eleitorais.

Certamente, o CDS, formação que na realidade se situa inteiramente à direita no xadrez político português sai consideravelmente reforçado destas eleições duplicando praticamente o número dos seus votos em relação ao ano passado.

No entanto, este partido não pode de maneira nenhuma aspirar a uma situação determinante na condução dos assuntos do país e não poderá assim constituir «a alternativa 1976» como ele afirmou ao longo da campanha eleitoral.

O PS continua o primeiro partido português mesmo se a percentagem dos sufrágios que obteve seja ligeiramente inferior a do ano passado. Resta-lhe portanto o papel de árbitro da situação mesmo se ele não parece poder ser o mestre absoluto.

Moçambique: Aldeias colectivas na barragem de Massandjiru

MAPUTO (TASS) — A barragem de Massandjiru é uma das grandes obras de Moçambique independente. As águas vermelhas do Olifants, afluente do Limpopo, começaram já a fazer a futura represa de água que terá, daqui até, ao fim do ano, 30 quilómetros de comprimento e 20 quilómetros de largura. Esta represa permitirá irrigar 90.000 hectares de terras férteis, mas actualmente áridas, no sudeste do país.

O governo da República Popular instala os camponeses sem terras, à custa do Estado, nas margens onde as águas do Olifants chegam por canais de irrigação. Os habitantes vivem nas «aldeias colectivas» criadas por iniciativa da FRELIMO e que devem adaptar a nova vida, bem como aos novos métodos de produção, os camponeses outrora oprimidos.

Vão criar-se na região da represa de água 25 «aldeias colectivas» agrupando perto de 5000 famílias que deverão reunir as economias das explorações modelo que mostrarão aos camponeses de Moçambique, as vantagens do trabalho colectivo.

Vietname: Participação de 100% nas eleições gerais para a reunificação

HONG-KONG (AFP) — A participação dos eleitores nas eleições gerais para a reunificação do Vietname atingiu 100 por cento, ainda antes do fecho do escrutínio, anunciou ontem a rádio de Saigão e a agência de imprensa norte-vietnamita, captadas em Hong-Kong.

A agência de imprensa norte-vietnamita descreve o escrutínio de domingo como o «festival de acesso à reunificação nacional», que se desenrolou na alegria e entusiasmo. Retomando o editorial de «Nhan Dan» órgão do Partido norte-vietnamita, a agência sublinha que este voto «exaltou o espírito revolucionário do povo, que tinha feito a Revolução de Agosto há 30 anos e que, nas primeiras eleições gerais de 1 de Janeiro de 1946, proclamou ao mundo que se tornava dono do seu país».

Namíbia: 4 soldados sul-africanos mortos numa emboscada

PRETÓRIA (AFP) — Foram mortos na quinta-feira a tarde, quatro soldados sul-africanos, numa emboscada perto da fronteira entre Angola e a Namíbia, anunciou-se em Pretória.

Um comunicado das forças da Defesa sul-africana precisa que os quatro homens se encontravam a bordo de um veículo e foram atacados à metralhadora.

O CASO DO PORTO DE WALVIS

LONDRES (ANOP) — A morte de quatro soldados sul-africanos na fronteira da Namíbia com Angola e o aparecimento de uma terceira força no conflito constitucional rodesiano criaram na sexta-feira novos focos de tensão no sul do continente africano, em vésperas da chegada do Secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

Na fronteira da Namíbia com Angola, quatro militares sul-africanos foram mortos numa emboscada, que se atribui à Organização dos Povos do sudoeste Africano (SWAPO) movimento de libertação que luta pela independência total da Namíbia.

Neste território desencadeou-se novo conflito, quando o primeiro-ministro do governo racista sul-africano, John Vorster, negou que o principal porto da Namíbia, a Baía de Walvis, deixasse de fazer parte da África do Sul.

«Que não haja mal-entendidos, a Baía de Walvis pertence à África do Sul» — disse Vorster no Parlamento sul-africano.

Os protestos foram enérgicos e imediatos por parte de Clemens Kapu, chefe da delegação para a independência da Namíbia, em Londres, o qual assinalou que o enclave português tem de fazer parte do resto do território.

O porto da Baía de Walvis é o único com importância na região sul-africana, onde encontra toda a

(Continua na página 12)

A VIAGEM DE KISSINGER A ÁFRICA

DAR-ES-SALAM (AFP) — Algumas horas antes da chegada a Tanzânia do Secretário de Estado americano, Henry Kissinger, o jornal governamental «Sunday News» pediu, num editorial enérgico, uma mudança radical da política americana face à África.

Nós pensamos que Kissinger, que vem cá de espírito aberto, verá quanto a política do seu país para com África é irrealista», afirmou o jornal que indicou que os governos americanos sucessivos, «quer sejam democratas ou republicanos, trataram a África com uma impunidade inexplicável».

«Estes vinte últimos anos, enquanto os povos de África», afirmou o editorial.

«Nós não afirmamos ao dr. Kissinger que esperamos uma ajuda americana para as nossas lutas de libertação, mas esperamos que os Estados Unidos pare ao menos de conceder um apoio moral, político, psicológico e material aos nossos opressores, na África Austral», prosseguiu o editorial que pediu imediatamente em conclusão a Kissinger «para levar em conta o facto de que a paz mundial não é possível numa situação instituída onde os ricos se tornam mais ricos e os pobres mais pobres».

LOPO DO NASCIMENTO VISITA A U.R.S.S.

MOSCOVO (TASS) — Lopo do Nascimento, Primeiro-Ministro da República Popular de Angola visitará oficialmente a URSS na segunda quinzena de Maio, a convite do governo soviético, anunciaram em Moscovo fontes oficiais.

A R.S.A. AUXILIA O GOVERNO RACISTA DA RODÉSIA

MAPUTO (TASS) — O governo sul-africano continuará a dar o seu vasto auxílio militar ao regime rodesiano que sofre golpes crescentes de intensidade, das forças de libertação do Zimbábue. Vorster declarou na quinta-feira no Parlamento que a RSA não tinha anulado a intenção de dar a sua ajuda militar ao regime de Smith e desmentiu formalmente as propostas do «Times» a este respeito. Encontram-se actualmente na Rodésia especialistas militares e unidades da Força Aérea da África do Sul que, ao lado dos comandos rodesianos, se entregam a operações contra os patriotas africanos. E assim via RSA, que a Rodésia importa todos os seus armamentos e munições.

LIGAÇÃO AÉREA MOÇAMBIQUE-MADAGÁSCAR

TANANARIVE (TASS) — Foi aberta uma linha aérea directa entre Madagáscar e Moçambique. Futuramente, os aviões da companhia aérea moçambicana efectuarão uma vez por semana vôos entre Maputo e Tananarive.

LÍBANO: POSSÍVEL ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

BEIRUTE (TASS) — Suleiman Frangie, Presidente da República do Líbano, assinou uma lei constitucional que abre caminho para eleições de um novo presidente, anunciou Rádio-Beirute. Esta lei permite ao Parlamento eleger um novo chefe de estado sem aguardar a expiração de poderes do actual presidente.

PREPARAÇÃO DA CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS

BELGRADO (AFP) — Dzemail Bijedic, Primeiro-Ministro da Jugoslávia efectuará, no princípio do mês de Maio, uma «tourné» africana, que se situa no quadro da preparação por Belgrado da cimeira dos não-alinhados, prevista para Agosto, em Belgrado. O Ghana e o Senegal foram já anunciados entre os países que Bijedic, que esteve em Abril na Líbia visitará. Segundo informações não oficiais, ele poderá ir à Nigéria e Angola.

TERMINOU A VISITA DE IDI AMIN À JUGOSLÁVIA

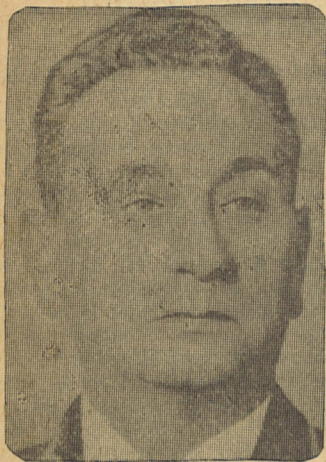
BELGRADO (TASS) — Terminou a visita oficial que o Presidente do Uganda, Idi Amin, efectuou durante dois dias na Jugoslávia, a convite do Presidente Joseph Broz Tito.

A agência «Tanjug» anuncia que as conversações jugoslavas-ugandesas favoreceram o desenvolvimento das relações entre os dois países.

Idi Amin pôs o general Tito ao corrente da situação que se criou no sul de África. Indicou que os países africanos estavam prontos a empreenderem uma cooperação, baseada na igualdade de direitos, com todos os países do mundo sem quaisquer preconceitos. Eles lutarão energeticamente contra a ingerência estrangeira e a presença imperialista.

Ambas as partes sublinharam a grande importância da unidade entre os países não-alinhados, os países em vias de desenvolvimento e outras forças progressistas.

A morte do Marechal Andrei Gretchko



(Continuação da 1.ª página)

dos melhores filhos, em nome do povo da República da Guiné-Bissau, da Direcção Nacional do PAIGC, do Conselho do Estado e do Conselho de Comissários, pedimos que aceitem e transmitam ao povo amigo soviético ao Comité Central do Partido Comunista, ao Presidium do Soviete Supremo da URSS, ao Conselho de ministros e à família enlutada o nosso profundo sentimento e voto de condolências».

JUVÊNCIO GOMES EM MILÃO NA CONFERÊNCIA DAS MUNICIPALIDADES

A convite do Centro de Colaboração das Cidades do Mundo, deslocou-se há duas semanas atrás a Milão uma delegação da Câmara Municipal de Bissau, chefiada pelo seu presidente, camarada Juvêncio Gomes, para tomar parte na conferência anual das municipalidades, que este ano coincidiu com a realização da Feira Internacional daquela cidade.

Contáctamos o camarada Juvêncio Gomes para que nos falasse do tema da conferência, dos resultados obtidos e das decisões tomadas:

«Posso dizer que foi bastante importante a discussão de alguns pontos, tais como a participação popular na gestão administrativa, problemas de transportes públicos e problemas financeiros da municipalidade em relação às finanças do Estado. A concluir, foi emitida uma declaração intitulada «A Declaração de Milão», que exorta todas as municipalidades a redobramos

esforços, no sentido de conseguirem do Estado uma certa atenção na participação da população na gestão municipal. Ao mesmo tempo este documento considera a Conferência de Milão como preparatória de uma outra, que se realizará no mês de Junho em Vancôver, no Canadá, organizada por um departamento parlamentar das Nações Unidas, a IULA, sob o tema «A Humanidade e a Habitação».

Referindo-se aos contactos que manteve fora do âmbito da conferência, nomeadamente com o presidente da Municipalidade de Milão, Aldo Aniasi, o camarada Juvêncio Gomes acrescentou: «Tive um encontro particular com Aldo Aniasi, em que discutimos assuntos de interesse para as nossas municipalidades, o que futuramente nos poderá acarretar vantagens, nas trocas de experiências. Ficou estabelecida a troca de delegações para discutir formas de cooperação».

Namíbia: 4 mortos

(Continuação da pág. 11)

indústria de pesca da zona. Todavia o governo racista de Vorster encontra os problemas mais agudos na manutenção da segurança das suas fronteiras, tanto com Angola como com a Rodésia, onde depois da morte de três sul-africanos, a semana passada, estão a ser montadas fortes medidas de segurança.

A propósito da morte dos 4 soldados sul-africanos, Vorster apontou a necessidade do governo rodésiano em procurar alternativas políticas para o seu governo constitucional.

No entanto, emergiu na sexta-feira uma nova força entre a oposição nacionalista negra na Rodésia, quando Robert Mugabe anunciou o seu regresso à luta dirigindo um grupo de jovens guerrilheiros, dispostos a iniciar novamente as hostilidades armadas contra o governo de minoria branca.

Mugabe, descrito geralmente como um religioso devoto, que com 52 anos se dedica energicamente à política, abandonou clandestinamente a Rodésia há cerca de 1 ano, depois de ter cumprido 10 anos de prisão pelas suas actividades políticas contra o regime de Smith.

Recentemente, Mugabe manifestou a sua ira pelas divergências entre o bispo Abel Muzorewa e Joshua Nkomo, as quais causaram divergências no seio do Conselho Nacional Africano.

Entretanto, o Secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, que chegou no sábado ao continente africano para encontros com diversos dirigentes e chefes da oposição de países de África, foi considerado a semana passada «persona non grata» pelo bispo Muzorewa, que considera não ter o chefe da diplomacia norte-americana qualquer papel a desempenhar na solução do conflito rodésiano.

CONFERÊNCIA DA ONU SOBRE O DIREITO DO MAR

NOVA YORK (TASS) — A conferência da ONU sobre os Direitos do Mar, que se realiza em Nova York, examina a questão da utilização pacífica do espaço marítimo e das zonas de paz e segurança.

Falando na reunião e, expondo a posição da URSS, o chefe da delegação soviética, Semjon Cozyrev, sublinhou que a União Soviética, aplicando com espírito de continuidade o programa de paz e de cooperação internacional, não se para a paz da terra e do mar. A delegação soviética considera que a convenção sobre o direito do mar, em vias de elaboração, deve servir de documento correspondente aos interesses da paz e da segurança internacional, do progresso dos povos e do desenvolvimento da cooperação internacional.

É perfeitamente claro, disse o representante da URSS, que o problema da utilização pacífica dos espaços marinhos e a criação das zonas de paz e de segurança não pode ser examinado separadamente das outras questões relativas à consolidação da paz e da segurança internacional, da paragem na corrida aos armamentos e ao desarmamento geral e completo.

Tendo conta de maneira realista do clima internacional moderno, que se traduz por uma mudança de tensão em direcção ao desarmamento, a delegação da URSS, declarou Semion Cozyrev, não duvida que poderá ser obtida uma solução reciprocamente aceitável no respeitante ao regime do oceano mundial na conferência sobre o direito do Mar.

VÍTIMAS DO FASCISMO

HAVANA (ANOP) — Efrén Montiajudo e Adriana Corso, vítimas do atentado que em Lisboa destruiu a Embaixada Cubana, foram no domingo sepultadas, numa cerimónia a que assistiu o Primeiro-Ministro, Fidel Castro.

O ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Raul Roa, pronunciou um discurso no cemitério Colon, em Havana, no qual condenou o facto, que denominou de fascista, e pelo qual responsabilizou as multinacionais.

Por seu lado, Fidel Castro abraçou os familiares das vítimas no cemitério, enquanto vários milhares de pessoas, que presenciavam a cerimónia, gritavam «slogans» anti-imperialistas.

O ALENTEJO VOTOU PELA REFORMA AGRÁRIA

LISBOA (AFP) — O Alentejo, a vasta província agrícola ao sul do Tejo e que cobre um terço da superfície de Portugal, votou massivamente pela Reforma Agrária. Esta região, onde os latifundiários, os ricos proprietários, foram expropriados de 1 milhão de hectares de terra, cujos 400 000 foram legalizados, viu o avanço comunista, o mais espectacular das eleições. O Partido de Álvaro Cunhal, que tinha feito da manutenção e da continuação da Reforma Agrária um dos temas principais da sua campanha eleitoral, aumentou substancialmente o número dos seus votos nas quatro circunscrições. Se se acrescentar que o Partido Socialista apresentava nesta região o ministro da Agricultura, Lopes Cardoso, que se considerava ele próprio, o campeão da Reforma Agrária, as percentagens recolhidas pelos dois partidos nas quatro circunscrições atingem os 75 por cento. Dos 33 deputados alentejanos, 18 são comunistas, 14 socialistas e um único, eleito em Setúbal, pertence ao Partido Popular Democrático, partidário da revisão da Reforma Agrária.

SAMORA MACHEL: RODÉSIA — DESCOLONIZAÇÃO MENTAL

PARIS (AFP) — O Presidente de Moçambique, Samora Machel, considera que «o problema essencial na Rodésia é, hoje, o da descolonização mental, do fim do complexo de superioridade dos brancos e do complexo de inferioridade dos negros». «Esta guerra, porque se tornará popular será longa», declarou o Presidente de Moçambique numa entrevista publicada no «Le Monde»... «As zonas libertadas que a guerra popular vai criar, assegurarão a edificação das novas bases, nas quais no futuro estado será construído um novo tipo de relações entre os homens».



NO ANIVERSÁRIO DE KWAME N'KRUMAH

Se estivesse vivo, Kwame N'Krumah completaria hoje mais um aniversário natalício. Mas o imperialismo soube encontrar agentes capazes de assassinar o grande dirigente do Ghana e revolucionário africano, antes que este tivesse tempo de ver realizado o seu grande sonho: a construção da unidade de África. Tal como encontrou, anos depois, mãos suficientemente criminosas para matar outro combatente da liberdade de África, o nosso saudoso líder Amílcar Cabral.

No momento em que se comemora mais um aniversário do nascimento de Kwame N'Krumah, são precisamente de Amílcar Cabral as palavras que utilizamos para prestar a nossa breve homenagem a um homem que durante toda a sua vida combateu

por este continente oprimido e explorado. Estas palavras foram pronunciadas pelo fundador do PAIGC, no dia 13 de Maio de 1972, em Conakry, alguns dias depois da morte de Kwame N'Krumah:

«...Nós combatentes da liberdade — disse o camarada Amílcar Cabral — nós não choramos a morte de um homem, mesmo de um homem que foi um companheiro de luta e um revolucionário exemplar (...) Também não choramos a África traída. Choramos, sim, de ódio pelos que foram capazes de trair N'Krumah ao serviço ignóbil do imperialismo».

Além do exemplo da sua coragem e dedicação à causa africana, Kwame N'Krumah deixou-nos igualmente uma vasta obra, contendo o essen-

cial das suas ideias sobre a libertação de África. A necessidade de um governo de união continental, a recusa do neo-colonialismo, o reconhecimento da existência de classes sociais no nosso continente e a necessidade da luta armada são os principais contributos do grande pensador, para a formação de uma teoria materialista e revolucionária de África.

Quatro anos depois da sua morte, escrevemos ainda como Amílcar Cabral que «a melhor homenagem que nós, Africanos, podemos prestar a Kwame N'Krumah, à sua memória imortal, reforçar a vigilância em todos os planos da luta, reforçar e desenvolver a luta, intensificá-la, e libertar toda a África».